

A Voz de Paço de Arcos



SERRÃO DE FARIA
(21-2-1937 - 19-3-2025)
OBRIGADO

ESTATUTO EDITORIAL

1 – A VPA é um jornal bimestral de informação geral na área da cultura e da língua portuguesa, em particular na defesa dos interesses dos habitantes da vila de Paço de Arcos e das localidades circundantes.

2 – A VPA pretende valorizar todas as formas de criação e os próprios criadores, divulgando as suas obras.

3 – A VPA defende todas as liberdades, em particular as de informação, expressão e criação. Ao mesmo tempo, afirma-se independente de quaisquer forças económicas e políticas, grupos, lóbis, orientações, e pretende contribuir para uma visão humanista do mundo, para a capacidade de diálogo e o espírito crítico dos seus leitores.

4 – A VPA recusa quaisquer formas de elitismo e visa compatibilizar a qualidade com a divulgação, para levar a informação e a cultura ao maior número possível de pessoas.



Capa -Auto-retrato, aguarela de Serrão de Faria

FICHA TÉCNICA

Propriedade: Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”

Sede: Rua Thomaz de Mello nº4 B
2770-167 Paço de Arcos

Direção: Presidente - José M. R. Marreiro;
Tesoureiro - Cândido Vintém;
Secretário - Luís Amorim

Redação: Rua Thomaz de Mello nº4 B 2770-167 Paço de Arcos

E-mail: avozpacocarcos@gmail.com

N.I.F.- 513600493 | **E.R.C.** nº 126726

Depósito Legal: 61244/92

Diretor: José M. R. Marreiro

Coord. Edição Online: Renato Batisteli Pinto

Coord. Edição Papel: Margarida Almeida

Editor: Jorge Chichorro Rodrigues

E-mail: jchichorro@avozdepacodearcos.org

Sede do Editor: Rua Thomaz de Mello nº4 B
2770-167 Paço de Arcos

Revisão: Luís Amorim

E-mail: luisamorimeditons@gmail.com

Impressão: www.artipol.net

Sede do impressor: Rua da Barrosinha, n.º 160
| Barrosinha Apartado 3051 | 3750-742
Segadães, Agueda Portugal

Colaboradores: Annabela Rita; Carlos Albuquerque; Carlos João; Carlos Ricardo; Eduardo Barata; Ema Batalha; Jorge C. Rodrigues; João de Melo; Jorge Castro; José Marreiro; José Martins; Lina Roque; Levi Candinho; Luís Alvares; Luís Amorim; Luís Nascimento; Margarida Almeida; M.B.C.; Olga Resi; Oscar Demoustier; Rita Tormenta; Rogério Pereira (Rogérito); Sara Carvalho; Teolinda Gersão e Tiago Miranda

Fotografia: José Mendonça, Luís Amorim, Margarida Almeida, Benvinda Neves, Carlos Ricardo, Homem Cardoso, J. Albuquerque, Margarida Farrajota, Marques Valentim, Matilde Fieschi, Paulo Cordeiro

Aguarelas de Serrão de Faria

Capa: Auto-retrato, aguarela de Serrão de Faria

Paginação: Andreia Pereira

Tiragem: 2000 exemplares

Online: avozdepacodearcos.org

E-mail: info@avozdepacodearcos.org

Publicidade: josemarreiro@gmail.com

Tel.: 919 071 841 (José Marreiro)

Diretor Honorário: José Serrão de Faria

Subdiretora Honorária: Maria Aguiar

O 25 de Abril, o Papa, o Dia da Mãe e a curva ascendente do nosso jornal



Esta edição dá um especial destaque a Serrão de Faria, que foi diretor do nosso jornal entre 2015 e 2019, fez os retratos que constam das capas do nº 0 até ao nº 17 (da 3ª série, pertencente à Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”) e que, com inúmeras pinturas, foi um profícuo colaborador do mesmo. No interior do jornal encontra-se uma biografia deste pintor a quem chamavam “pintor do cavalo lusitano”, escrita por Luís Amorim. Serrão de Faria, natural da Azinhaga do Ribatejo, Golegã, por coincidência, a mesma terra de José Saramago, residiu em Paço de Arcos e, além de cavalos, pintava paisagens, monumentos e retratos humanos. Esta figura de grande importância para o nosso jornal e para a nossa região, publicou cerca de vinte livros e fez várias exposições, em Portugal e no estrangeiro.

Passou mais um aniversário sobre o 25 de abril, não podendo o nosso jornal deixar de dar relevo a esse facto. Entre os poetas de abril, é dado destaque a Ary dos Santos e é publicada a primeira de duas partes tendo como fundo algumas canções marcantes daquela data histórica; também se publica uma fotografia da época, de Salgueiro Maia, feita pelo prestigiado fotógrafo Marques Valentim. Várias pinturas, no interior do jornal, são alusivas, como a esse ícone

de abril, que foi Zeca Afonso, e têm autoria dos artistas de arte urbana, Vhils e SMILE; ainda com o 25 de abril como fonte inspiradora, publica-se um conto sobre a liberdade.

Registe-se que o nosso jornal está numa curva ascendente, no que toca a audiência e notoriedade, extravasando o concelho de Oeiras e atraindo cada vez mais escritores, cronistas, pintores e artistas de referência. Há dois meses, já publicáramos um conto e um poema de Lídia Jorge e, neste número, colaboram nomes prestigiados, como Teolinda Gersão, João de Melo, ambos escritores, Annabela Rita, professora universitária, ou Cristina Sampaio, cartoonista.

Releve-se também uma entrevista feita por Margarida Almeida a Margarida Farrajota, intitulada “A Senhora dos Mares”. A entrevistada, com mais de seis décadas de experiência em mergulho amador, é uma referência na história do mergulho, em Portugal e no estrangeiro.

A morte do Papa Francisco merece dois textos neste nosso número, dada a relevância ética a nível mundial, desta grande figura que recentemente nos deixou e que, por duas vezes, passou por Portugal. Igualmente se salienta a passagem do dia da Mãe, de tão grande importância, não podendo esta efeméride ser esquecida pelo nosso jornal.

Por fim, convidamos os nossos leitores a participarem no Concurso de Fotografia Oeiras 2025, para que se repitam os sucessos alcançados nos últimos anos.

Jorge Chichorro Rodrigues

Serrão de Faria

José Francisco Quelhas Serrão de Faria Pereira deixa um valioso e importante legado, cuja obra retrata de magistral forma, sobre o papel e a tela, sempre com fina sensibilidade, o profundo conhecimento e a singular arte que representa com os seus pincéis, os campinos e as suas montadas na diária faina. Sendo considerado um dos melhores retratistas equestres a nível internacional, a sua obra retrata o cavalo, o campino e o gado bravo, mas também, as paisagens da lezíria e as suas gentes, ainda diversos monumentos e as vistas de vilas e cidades portuguesas, retratos de numerosas figuras nacionais, entre outras temáticas.

Conhecido como o “Pintor do Cavalo Lusitano”, natural de Azinhaga do Ribatejo, concelho da Golegã, onde nasceu a 21 de Fevereiro de 1937, tinha aí a oficina de criação na sua até então residência, o Solar dos Serrão, casa de família do século XVI, construída em 1500. Durante o ano escolar, vivia em Lisboa, mas nas férias, rumava à Azinhaga. A proximidade com a terra e as tradições locais levaram-no a interagir com touros e cavalos (sobretudo o Lusitano), no seu ambiente natural. Isso despertou uma paixão que despontou bem cedo e o fez desenvolver um conhecimento profundo sobre estes animais. Retratou-os profusamente ao longo da sua extensa carreira, em inúmeras obras que têm merecido a enorme admiração pelos apreciadores dos seus trabalhos.

A vida de Serrão de Faria ficou marcada pela frequência dos cursos de gravura, litografia, serigrafia e xilogravura, na Gravura – Sociedade Cooperativa de Gravado-



res Portugueses, em Lisboa. A opção pela pintura como forma de expressão artística deveu-se, sobretudo, ao Mestre João Veiga, que o convidou a ir para o campo e pintar as paisagens à maneira impressionista, em pintura de cavalete. Desde pequeno que ganhou esse hábito, também a ver sua mãe pintar, em especial o retrato, igualmente com o avô materno, Roberto Caldeira Sardinha Durão, por este se dedicar, também à pintura. As maiores influências de Serrão de Faria foram o Mestre João Veiga, Manuel Fernandes, Rosa Mendes, Ramos Ribeiro, Claude Monet, Vincent van Gogh, Paul Gauguin e Vieira da Silva. A maior parte do seu trabalho baseou-se à maneira da técnica que aprendeu, a impressionista-realista, quando em pequeno, até pensava dedicar-se à Banda Desenhada.

Um dos primeiros trabalhos que o pintor vendeu, em 1951, foi adquirido pelo avô paterno, que encomendou ao neto vários desenhos para ilustrar o livro “Ao Sol da Lezíria”. Um forte estímulo que o lançou num percurso artístico imparável, de assinalável



Convento da Graça, Lisboa

sucesso, com obras representadas em inúmeras exposições e colecções particulares, nacionais e estrangeiras. Como tema central da sua obra, destacam-se os equestres e tauromáquicos, mas também produzindo trabalhos sobre as principais castas de uvas portuguesas (no livro “Vinho com Arte”) e álbuns com ilustrações dedicadas ao Futebol e às cidades de Lisboa e Porto, bem como à vila de Oeiras.

Ao longo da sua vida, Serrão de Faria publicou cerca de duas dezenas de livros, entre os quais se destacam “Arion – O Cavalo Peninsular”, “Caballus”, “Ao Sol da Lezíria – Quadros Ribatejanos”, “O Ginete Ibérico” e “O Solar do Cavalo”, tendo sido o primeiro Presidente do “Stud-Book Lusitano” (livro de genealógicos registos), sobre estes equídeos com origem em Portugal, chegando a criar animais desta raça até 1975. Mas a sua vasta obra estende-se como autor, ainda de outros livros como “Dois Dedos de Conversa”, “Futebol, Iluminuras e Textos Consagrados”, “Lisboa do Rio para as Colinas”, “O Castelo de S. Jorge”, “Vales Traçados” e “Oliveira”.

Executou diversas medalhas e diplomas para a Feira do Ribatejo, assim como ilustrou vários livros. Em 1976, lançou o livro

“Caballus”, constituído por desenhos a tinta-da-china de cavalos, editados em obra gráfica pela Cooperativa Gravura, também pelo Atelier António Inverno e o Centro Português de Serigrafia.

De salientar as exposições colectivas em que participou, tais como as de Santarém (1955, 1957, 1974, 1989 e 1991); Lisboa (1967, 1990 e 1991); Amadora (1970); Estoril (1982, na exposição “Novos Gravadores” e 1988, no Casino Estoril); Noruega (1989, na Galeria Nillestad) e Sever do Vouga (1990).

Também teve exposições individuais: Santarém (1960); Lisboa (1966, 1986, na Galeria Palma, 1987, na Galeria Paulino Ferreira, 1988 e 1990, ambas na Galeria Gravura, 1993, na Casa do Ribatejo, 1994, na Sétima Colina); Caldas da Rainha (1969); Golegã (1984 e 1992, ambas nos Encontros de Arte Contemporânea); Noruega (1987, na Galeria Nillestad); Soure (1989); Figueira da Foz (1990); Chamusca (1991) e Azinhaga (1994). Participou ainda na Golden Art Gallery, em Folsom, Califórnia, EUA, em 1986.

Colaborou nas revistas “Rota das Linhas”, “Media Roe” e no jornal “A Capital”, num suplemento tauromáquico, assinado pelo jornalista José António Lázaro. Foi ainda, director da revista “Rédea Curta” e do jornal “A Voz de Paço de Arcos”, entre 2015



Jardim de Paço de Arcos



Serrão de Faria com dois dos seus quadros



Palácio dos Arcos

e 2019, sendo o autor das aguarelas que fizeram muitas capas durante esse período, além de colaborador regular durante muitos anos, quanto às suas pinturas.

Em 1974, ganhou um prémio numa exposição colectiva, na Feira do Ribatejo, em Santarém, com um óleo intitulado “Mudança de Pastagem”, mas o que Serrão de Faria mais recordou com prazer, foi ter ganho os jogos florais do Liceu de Santarém, com o conto “Pássaro de Fogo”, quando tinha 14 anos.

Paralelamente à sua carreira artística, protagonizou também um importante percurso empresarial no sector agrário, mantendo por mais de 30 anos, a sólida empresa Casa Agrícola Serrão de Faria, Lda., ligada a culturas de produtos hortícolas, raízes e tubérculos.

Em 2018, sofreu um AVC, mas tal contra-



Do livro “Vinho com Arte”



Alguns dos livros publicados

riedade, apesar de limitar a sua produção artística, não apagou a chama e a paixão que sempre o ligaram à sua terra natal e no abraçar de novos projectos. Uma relação distinguida pela Câmara Municipal da Golegã, na atribuição do nome Serrão de Faria a uma rua da localidade que o viu nascer, a mesma terra de José Saramago (1922-2010).

Faleceu na sua residência, a 19 de Março de 2025, aos 88 anos de idade.

*Luís Amorim
(escreve de acordo com a antiga ortografia)*

Centro Histórico de Paço de Arcos

Nos Caminhos de hoje, focaremos o movimento de “aberturas” e “encerramentos”, de lojas no Centro Histórico de Paço de Arcos.

A dinâmica empresarial tem exercido grande pressão sobre o parque de espaços comerciais em todo o Centro Histórico de Paço de Arcos, o que provocou, de há umas décadas para cá, um grande movimento de encerramentos e aberturas de estabelecimentos comerciais.

Assim, desapareceram as antigas mercearias, barbearias, drogarias, leitarias, casas de pasto, sapatarias, talhos, lojas de novidades, capelistas, entre outras lojas tradicionais do comércio local. Vamos fazer um percurso nesse espaço e mostrar alguns recentes exemplos dessa realidade.

Iniciamos percurso na Praceta Dionísio Matias, onde começamos por lamentar o encerramento recente da antiga Leitaria Vitória. Esta leitaria, já histórica, foi durante décadas, local de encontro e convívio de muitas famílias, mantendo-se nas recordações de várias gerações.

O seu encerramento resulta da realidade das rendas que opõe os legítimos interesses de senhorio e inquilino que não se conciliam, normalmente por a rentabilidade atual não acompanhar os custos com a sua manu-

tenção, renda e outros custos.

E s p e r e m o s que rapidamente surja quem venha ocupar este bem localizado espaço, no Centro da Vila, junto ao Mercado e na principal zona comercial, com um bom projeto que o traga de novo ao serviço da população. O nosso agradecimento à família “Vitória”, que se dedicou durante tantos anos à sua missão de servir.



Ainda na Praceta, temos a loja de novas tecnologias PDF, que surgiu em substituição da Copianço, e no edifício do Mercado Municipal, após o encerramento de talhos, surgiram as novas lojas de papelaria, produtos alimentares e uma fábrica de doces de *CHEF*, o *Chef* Miguel Oliveira, onde são criadas e produzidas novas receitas de doces e sobremesas, utilizando novos produtos, incluindo os locais vinhos Carcavelos, o que coloca Paço de Arcos, de novo, em bom plano nesta atividade que era famosa, recordemos os Cacetes e os Stiques.





Ao lado dos CTT, temos agora a Barbearia Matias, que ocupa a loja onde por décadas, foi a loja do “Chico”, roupas e tecidos, que, naturalmente, perante a evolução do comércio, acabou por encerrar.



O edifício centenário da sede do CDPA tem o seu salão encerrado, por precaução, devido ao estado de degradação do telhado que apresenta sinais de risco de ruir. Obra muito dispendiosa, que o Clube, só por si, dificilmente poderá realizar a curto prazo, pelo que terá de encontrar solução recorrendo a apoios e financiamentos exteriores à sua tesouraria.

Fazemos votos para que seja encontrada a solução, o CDPA e a população de Paço de Arcos precisam e merecem esta histórica sala recuperada. O seu espólio material e cultural são das maiores riquezas da Vila.



Os troféus, os espólios dos seus grandes atletas, as recordações de tantas sessões culturais, recreativas, desportivas, sociais, e a memória do grande ator José de Castro, que aqui iniciou a sua brilhante carreira, exigem que os responsáveis dediquem todas as suas forças nos esforços para levantar esta cruzada a bom porto, em tempo aceitável.

Continuam as obras, há já bastante tempo, iniciadas nos antigos armazéns de materiais de construção, restaurante e cervejaria, ao que consta, enquanto continua parada a tão ansiada recuperação do histórico edifício da Casa dos Cacetes, onde nasceu José de Castro, e que está no coração e na memória dos paçodearquenses, agora só dos mais idosos, já que o tempo não perdoa.

Para quando a ultrapassagem das situações que estão a impedir que a obra seja concluída?



De seguida, avançamos até um novo restaurante, o “Intemporal”, após recuperação da Casa do Fiscal, junto à Marginal. Projeto ambicioso, de classe alta, que é dirigido pelo Chef Miguel Laffan, que tem como propósito conquistar uma Estrela Michelin. Fazemos votos para que consiga trazer para Paço de Arcos este galardão de que muito beneficiaria a indústria da restauração da Vila, ao tornar ainda mais visível a já muito conhecida qualidade dos restaurantes da zona.

No Largo Guilherme Gomes Fernandes,



antiga Lota, junto ao monumento de dois dos grandes artistas de Paço de Arcos, um deles, Ruy de Carvalho, que na sua juventude de 98 anos, continua a trabalhar, e a encantar milhares de admiradores.

Nosso Associado de

Mérito, a quem saudamos, e Eunice Muñoz, já falecida, também nossa Associada de Mérito, que aqui recordamos com saudade, temos o restaurante Astrolábio, que após algum tempo encerrado, devido à pandemia, reabriu, com nova Gerência, com todo o fulgor, afirmando-se como um dos me-



lhores restaurantes da linha do Estoril, e que muito prestigia a nossa Vila.

Fizemos uma incursão no espaço do Palácio dos Arcos, Hotel Vila Galé, que está a aumentar a sua capacidade com a construção de mais um piso, no novo edifício, que demonstra a vitalidade do projeto, e que vem enriquecer a oferta hoteleira da vila e do concelho. Ao lado, “As Casas do Palácio”, prédio de apartamentos em fase de acabamento. Também, para lá do portão de entrada no espaço do Palácio, está em início de recuperação o edifício que não pertence ao hotel e que se destina a habitação.

Descemos à Rua Costa Pinto, a principal zona comercial, onde recentemente, encerrou a loja de bebidas e produtos *gourmet*, “Momentos do Paço”, a fim de permitir, finalmente, a recuperação do prédio, que há muito está desabitado e em degradação. Esperemos que agora seja rápido.

Ao lado temos, também encerrado, o res-





taurante Carula, por motivo de doença do antigo dono. O proprietário do edifício pretende arrendar o espaço, de novo, pelo que se aguarda que surja interessado em o fazer, esperemos que não demore e que também este local de culto durante décadas retorne ao serviço da terra.



Restaurante “Os Arcos”, o mais conhecido, o ícone da restauração da linha. A grande obra de Ceferino Puga, que colocou Paço de Arcos na lista das localidades com boa restauração, foi a maior escola durante décadas. Vários fatores ditaram o seu declínio, a morte do criador, a dificuldade da família em manter, a venda a novos donos, a saída de colaboradores decisivos para manter a qualidade de serviço e de atendimento, o aumento da concorrência quer na zona quer em novas zonas, enfim, também se encontra encerrado em obras de modernização. É com grande expectativa que aguardamos o seu reaparecimento, pois faz parte da história desta riquíssima zona de



restaurantes de elevada categoria. Que não demore, está a fazer falta.

Acabamos esta crónica à porta do restaurante “Bons Dias”, onde o seu proprietário nos deu a possibilidade de o fotografar. Este restaurante que substitui o antigo que aqui funcionava, saiu para o Jardim durante algum tempo, para permitir a recuperação do prédio, para voltar ao seu lugar renovado, moderno, e com uma agradável esplanada nas traseiras do prédio e outra, na Rua Costa Pinto.



A par da descrição dos locais, fica a referência a lojas e restaurantes que sugerimos, sejam visitados pelos nossos leitores para que assim possam colaborar na revitalização do comércio local e contribuir para a sua manutenção e desenvolvimento.

*Texto: José Marreiro
Fotografia: José Mendonça*

A Senhora dos Mares

Quando eu morrer voltarei para buscar Os instantes que não vivi junto do mar (I)

Era uma vez uma família numerosa, Pai, Mãe e sete filhos. A nossa entrevistada cresceu no Algarve onde tinham uma casa de férias a 50 metros do mar. A infância nessa casa junto ao mar, um Pai que mergulhava, uma curiosidade insaciável por tudo o que a rodeava e o mistério do imenso azul que iluminava os seus dias, seriam determinantes ao longo da sua vida.

Vamos falar com Maria Margarida Mendes Pinto Farrajota (Margarida Farrajota): Curso Superior de Organização e Gestão de Empresas e Curso Superior de Economia. Uma entrevista com forte cheiro a maresia...

De 1976 a 1991, foi Consultora e Directora Financeira em organismos estatais e empresas privadas, em Portugal e no Estrangeiro; a vertente de gestora de sucesso foi “ofuscada” por uma vida dedicada ao mar que a fascina e atrai, que nos fascina e atrai: quantos de nós não gostaríamos de viver uma vida assim?

Desde 1992, é Presidente do Centro Português de Actividades Subaquáticas (CPAS); fez o Curso de Mergulho Amador e vários Cursos e Especializações na área do Mergulho Amador até à actualidade; o Curso de Patrão de Alto-Mar; Curso de Arqueologia Subaquática (1994/1998); Diversos Cursos Livres de História e Património (2010/2019);

Membro da Sociedade de Geografia de Lisboa (desde 1995); Membro da



Confraria Marítima de Portugal (desde 2013);

Mais de seis décadas de experiência em mergulho amador, é uma referência na história do mergulho, em Portugal e no estrangeiro, pela sua luta pelos oceanos, pelo seu compromisso na defesa do meio ambiente marinho. Conhecida pelo seu pioneirismo na área do mergulho, um mundo que, nos anos 60, era praticamente exclusivo dos homens.



Mergulho em Sagres – Homenagem a Arq. Jorge Albuquerque (anterior Presidente do CPAS)

MF – Todo o meu ADN é salgado, com o privilégio de

poder adormecer ao som das ondas na casa da praia. Apesar de ter nascido em Lisboa, vivi no Algarve, onde também passava as férias e, como o meu Pai tinha o curso de mergulho tirado no CPAS, bem cedo comecei a ir com ele para o mar.

AVPA – O Pai era o seu ídolo?

MF – Sim, enquanto investigador científico; a minha Mãe era mais direccionada para a história e assuntos de carácter social. O meu gosto pela arqueologia começou nessa altura, por estar relacionada com os vestígios subaquáticos nos sítios onde mergu-

lhávamos; na realidade, tudo me interessa! Os meus Pais estimulavam-me sempre, mas não era necessário - já nasci estimulada!

Aprendi a nadar muito cedo, ficando a observar o meu Pai a mergulhar e seguindo-o até onde me era possível. Mas tinha de regressar à superfície para respirar porque enquanto ele tinha escafandro, eu estava a mergulhar em apneia. Teve que ir a França, comprou-me todo o equipamento de mergulho! Depois de equipados, as pessoas diziam: lá vai o tubarão e o peixe-piloto!

AVPA – *Um tubarão protector, um peixe piloto muito curioso!*

MF – Eram os anos 59/60. Tínhamos um barco pneumático e, bem equipada, comecei a mergulhar mais a sério, dias inteiros na água! O mar é parte integrante de mim e da minha vida, desde sempre e para sempre.

AVPA – *Foi a primeira mergulhadora portuguesa? Havia outras mulheres?*

MF – Muito poucas; recordo Brigitte Cauers, uma das primeiras a fazer o curso de mergulho. Hoje, homens e mulheres estão praticamente equiparados...

AVPA – *Desses tempos, é a única que dedicou a sua vida aos oceanos, numa carreira consistente, um amor for ever and ever . O fascínio mantém-se intacto, quer mergulhar até ao fim. Nada há que o impeça, explica:*

MF – Dada a imponderabilidade da água (gravidade zero) e, sendo o mergulho uma técnica, é possível mergulhar dos 9 aos 90, e assim espero que aconteça!

AVPA – *E nós vamos estar cá para comemorar esse feito com pompa e circunstância. O feito do mar de que falava Jacques-Yves Cou-*

teau: seis décadas depois, mantém-se intacto o fascínio herdado do seu Pai. Viria depois o despertar do espírito científico, a urgência da luta pela preservação do ameaçado mundo subaquático! Senhora dos Mares lhe chamaria um jornalista inspirado que captou a sua essência.

Frequenta o curso de Paleocceanografia, da Faculdade de Engenharia da Universidade de Lisboa: tudo a interessa, lembram-se?

Quando começou a sua aventura, o oceano azul era fonte de vida, os ecossistemas não estavam ameaçados (150 milhões de toneladas de plástico e 14 milhões de micro-plásticos poluem as águas, outrora transparentes). Não existiam tintas e decapantes para pintura dos cascos dos navios com elevado grau de toxicidade a poluir as águas de rios e mares, a destruir a biodiversidade.

A radiografia da emergência climática do Planeta e do Oceano está feita, repetida à exaustão: porque razão somos egoístas, suicidas e não queremos saber do legado que deixamos às gerações vindouras?

Energia inesgotável, memória googliana. Fala com entusiasmo desta sua vida marinha, do seu “CPAS”, das missões conjuntas do Centro com diversas instituições ligadas ao meio ambiente subaquático e à conservação marinha: ouvindo-a, mergulhamos com ela nos Oceanos dos cinco continentes...

AVPA – *Qual é o papel do CPAS na sua vida?*

MF – Cheguei ao Centro com 9 anos, pela mão do meu Pai, aquando de seu curso de mergulho. Em 1967, vim para a Faculdade e inscrevi-me no curso de mergulho do CPAS. Desde então, passei a acompanhar as suas Missões: Madeira, Açores, Cabo Verde, São Tomé, Angola, Moçambique...

A minha tarefa era recolher algas e elaborar o *algarium* para o Prof. Palminha, do ex-

-INIP, especialista na área, mas não mergulhava. Trabalho exigente! Levantava-me às 6 da manhã, fazia 3 mergulhos diários e, à noite, preparava e estampava as algas colhidas naqueles mergulhos. Dormia algumas, poucas horas para no dia seguinte fazer de novo o que gostava - era feliz e sabia...



Batiscafo Archimède III de Cousteau, nos Açores, Agosto 1969

As algas são utilizadas na indústria alimentar, química, têxtil, óptica e em outras com inúmeras aplicações. As micro e as macroalgas fornecem grande parte do oxigénio que respiramos. Poderão salvar a humanidade da fome, se a sua preservação, essencial para a sobrevivência dos ecossistemas e da humanidade, ainda for possível. Continuamos, indiferentes, a destruir o frágil equilíbrio dos ecossistemas marinhos. Na Direcção-Geral das Pescas, onde trabalhei durante 7 anos, tinha a responsabilidade do Sector das campanhas de apanha e recolha das algas. Mas isso é outra longa história...

O CPAS é um **encontro** importante na minha vida: diria uma quase simbiose. Sou Presidente da Direcção há trinta e três anos, estou a preparar a equipa que me deverá substituir no final deste meu último mandato que termina em 2027.

AVPA – O CPAS é uma associação sem fins

lucrativos, uma Entidade de Utilidade Pública, desde 1986, Organização Não Governamental do Ambiente (ONGA), desde 1996 e, pela FPAS, Academia Científica, desde 2024. Desempenha um papel importante na área da investigação científica, em projectos de arqueologia subaquática, de preservação marinha, em colaboração com universidades e centros de investigação, em projectos vitais para a conservação do património cultural subaquático do país e do mundo, de acordo não só com os objectivos estatutários, mas com os dos seus Órgãos Sociais...



Calypso de Cousteau, nos Açores, Agosto 1969

MF – Fundado em 1953, a mergulhar há 72 anos! O tanque de Formação/piscina tem 6m de fundo, sendo a mais funda do país e a mais procurada por escolas para ministrar os seus cursos. O CPAS já formou mais de 6500 mergulhadores, respeitando as normas internacionais de qualidade e segurança, cada vez mais exigentes e segundo vários tipos de agências de ensino.

Como Escola de Mergulho mais antiga da Europa, reconhecida pela sua contribuição para a exploração subaquática, promovemos a prática do mergulho em vários níveis, incluindo cursos técnicos e específicos, como o de arqueologia e fotografia subaquática, a organização de palestras e visitas guiadas às colecções museológicas para os nossos alunos, escolas, sócios ou público em geral. Serviço público de qualidade...



Em Cabo Verde, 1971, na recolha de algas para o *algarium*

AVPA – *Um apelo tão forte pelo mar e depois “mergulha” na “aridez” das teorias económicas; contudo, conciliou sabiamente a sua “vida dupla”: em terra e no mar, trabalhando ou mergulhando!*

MF – Poderia ter sido a biologia marinha, a arqueologia subaquática, a geologia! Fui sempre “somando” cursos livres nessas áreas, passando sempre as minhas férias, desde que me lembro, a mergulhar com o CPAS, no Atlântico, ex-colónias, Índico, Mar Vermelho, Pacífico...



Com a Equipa do CPAS, em Cabo Verde, 1971
(Foto de J. Albuquerque)

ERA UMA VEZ UM MUSEU ADIADO

MF – O nosso espólio museológico é único em Portugal e o seu discurso expositivo, único na Europa, pelo que deveria ser apoiado por quem de direito, se para tal houvesse visão! As nossas Missões permitiram-nos coleccionar peças de arqueologia e de biologia marinha, também um valioso conjunto de equipamento de imersão utilizado ao longo dos tempos, oferecido por sócios.

Em 1969, as colecções foram oferecidas à Câmara Municipal de Lisboa, com o objectivo de se criar «O Museu Municipal da Vida Submarina e da História Submersa». Passaram 56 anos, continuamos a aguardar um espaço condigno para o efeito!

AVPA – *A conversa acontece na sede do CPAS, na Rua do Alto do Duque, em Belém. Na fachada Norte da moradia, pode observar-se um baixo relevo do Mestre Júlio Pomar, único realizado pelo artista que optaria posteriormente pela pintura. Esta obra representa uma Tágide que apresenta 2 curiosas coincidências em relação ao CPAS: foi executada no ano da*

sua fundação e exhibe, na sua mão direita, uma concha (Lambis lambis), a qual integra o logotipo do CPAS.



Regata do CNOCA à Madeira (c/os Comandantes Rodrigues Pereira, Góis e Malhão Pereira da Marinha)

Percorremos as três salas do acervo museológico. Com rigor científico, identifica a história de cada peça, o contexto em que foi encontrada, os exames realizados para determinar a sua origem, assim como os restauros efectuados nalgumas delas. Muitas peças não estão expostas por falta de espaço.



Mergulho no naufrágio do “Blue Belt”, no Mar Vermelho, Sudão

MF – O Museu é constituído por 3 núcleos: Núcleo de Arqueologia Subaquática, peças oriundas de diversos sítios arqueológicos submersos, fluviais e marítimos, os quais contam histórias, desde a antiguidade à época moderna, de naufrágios em águas Portuguesas ou em mares longín-

quos; Núcleo de Biologia Marinha, colecções de corais, conchas, briozoários, espongiários e fósseis, provenientes de diversos recifes e mares; Núcleo do Equipamento de Imersão, instrumentos e material de mergulho que permitiram conhecer melhor a Arqueologia Subaquática e a Biologia Marinha, ao longo da sua evolução. É a História da Imersão que conta uma aventura Humana interdisciplinar, num encontro entre o Homem e o mundo subaquático.

O Museu foi aprovado em sessão camarária e registada em Acta da CM de Lisboa, foi crescendo através das nossas Missões, muitas das quais integrei, além de inúmeras ofertas de Sócios.

Relativamente ao Museu, face ao seu acervo, cujo potencial é imenso, queremos introduzir-lhe os meios digitais dos actuais audiovisuais, com todas as possibilidades de apresentação e divulgação que estão ao seu alcance através da *internet*. Queremos um museu interactivo, que permita atrair as novas gerações de jovens, escolas, amantes do mar e público em geral para os sensibilizar para a degradação e morte anunciada dos Oceanos.

MF – Todo o espólio que foi oferecido à CML em 1969, tendo como contrapartida



Graduação de Socorrista Aquática da Cruz Vermelha Portuguesa (1992)

a cedência de um edifício onde ele se pudesse instalar e expor, sendo o CPAS o fiel depositário dessas colecções museológicas. A actual sede, não reúne as condições adequadas para nele funcionar e se expandir como Museu. Quer por falta de espaço, quer pela sua estrutura que, distribuída por diversos andares, não se adequa a um funcionamento museológico. Para que se possa fazer uma eficaz divulgação das suas colecções, estamos a concluir uma candidatura de adesão à Rede Portuguesa de Museus.

Além da maior colecção de ânforas do País, onde estão representadas todas as tipologias das tabelas existentes, algumas quase intactas e um exemplar único no País, de uma Dressel 17... vieram do fundão de Tróia. Contam histórias da exportação de vinho, de azeite e sobretudo do *garum* fabricado no maior complexo industrial de todo o Império Romano – Tróia. Tratava-se de uma iguaria usada como tempero muito apreciado pelos romanos e eram exportados nas Ânforas encontradas desde o séc. II AC até ao séc. IV DC, durante cerca de seis séculos. Um tesouro sem preço.

MF – Nunca tive umas férias em seco! Aproveitava-as para mergulhar em locais distantes. Quando acabei o curso, fui trabalhar para Moçambique, como cooperante – 7 anos - onde estive os 2 primeiros anos sem férias. Logo que pude, fui mergulhar ao longo da Grande Barreira de Recife de Coral, na Austrália, no âmbito de um congresso da Confederação Mundial das Actividades Subaquáticas (CMAS).

AVPA – A vertigem de um mergulho na imensidão do azul, o silêncio, a ausência da força da gravidade, flutuar como no espaço, tocar o infinito...

MF – Tocar o infinito, significa “aqueles” momentos únicos que ficam gravados em nós para sempre. Vou referir somente quatro, são tantos...

- Os **Ilhéus das Formigas**, ao largo dos **Açores**, onde senti o abismo debaixo de água, de um lado, os rochedos que afundavam a pique até aos 1500 metros de profundidade, para lá de mim, os raios solares que penetravam e se uniam no infinitamente transparente meio subaquático em que pairava. Como dizia o Comandante Jacques-Yves Cousteau, aquelas eram as águas mais transparentes do Oceano, teoria que toda a equipa do *Calypso*, com quem colaborávamos, confirmava. Ali toquei o infinito, apesar de não ter ultrapassado os -78 m...

- **Cabo Verde**, ao largo da **Ilha do Sal**, em 1971. Estava na recolha de algas, mergulhando a pouca profundidade. Nos trópicos, a noite cai subitamente, fui-me habituando à diminuição rápida de luz. Quando voltei à superfície, não vi a ilha. A escuridão era total, sem estrelas, nem Lua que me mostrasse a ilha. Voltei-me e do outro lado também não se vislumbrava sinal de terra. Nenhuma luz, a ilha não era habitada naquele lado. Mentalizei-me que teria de passar a noite na água, cuja temperatura era amena. Não convinha fazer movimentos desnecessários para não me cansar, nem atrair eventuais tubarões! Chamei pelos membros da equipa, mas isso cansava-me. Mantive a calma

que a situação exigia e resignei-me a ter de aguardar pela madrugada, daí a uma dúzia de horas. Passou algum tempo, que me pareceu uma eternidade (depois soube terem sido apenas 2 horas). De súbito, a luz de 2 faróis de *jeep* acenderam – sem me importar com o barulho ou com tubarões, esperando que a luz não se apagasse, nadei com tal energia, que, mesmo com a garrafa às costas, aterrei em seco na praia!!! Sem me ter apercebido, debaixo de água, tinha virado o cabo da enseada onde entrara a partir da praia. A equipa procurava-me desde o cair da noite. Já tinham também chamado e acendido os faróis. Como não havia qualquer sinal meu, lembraram-se de ir procurar do outro lado da enseada, mas como não havia passagem, tiveram de dar uma volta grande para lá chegar!

- A Grande Barreira de Coral da Austrália, águas menos transparentes que as dos Açores, mas mais ricas em plâncton e fitoplâncton de que se alimentam os corais, proporcionam, uma biodiversidade assombrosa. O cineasta italiano – Victor de Sanctis fez ali um filme que acompanhei, além de lhe servir de modelo, o que me impedia de espreitar todos os recantos, pois tinha de estar atenta às indicações que me ia dando. Os vários mergulhos diários deram para apreciar a enorme diversidade de espécies, a explosão de cores e profusão do recife de corais, a maravilha da Natureza em todo o seu esplendor.

- Apenas mais um local subaquático de eleição - **Shab'Rumi, Mar Vermelho** nas costas do **Sudão**. Foi o sítio escolhido pelo Comandante Cousteau para es-



Entronização na Confraria Marítima de Portugal (2013)

tabelecer o Pré-Continente II, experiência para testar a permanência de uma equipa de mergulhadores, 1º a -10m de profundidade e depois a -20m, sem vir à superfície, durante algumas semanas. Se existe paraíso debaixo de água, é ali que ele se situa. Fabuloso pelo enquadramento das radiais do recife de coral que delimitam os habitáculos, também por se situar num patamar que desce abruptamente para os -70m, a partir do qual, para os -500m, com uma transparência de água quase idêntica à das Formigas, nos Açores. Os habitáculos que serviram para a experiência, ainda lá estavam em 1987 e ainda se podia entrar dentro deles e apreciar a vista sobre a enorme variedade de peixes que andam em seu redor e nos vem espreitar, estranhando os intrusos.

LA PETITE-FILLE PORTUGAISE

AVPA – Vamos falar de Jacques-Yves Cousteau: como se cruzaram?

MF – Nas férias, acompanhava as missões do CPAS, muitas delas aos Açores. O navio de Cousteau, o *Calypso*, iria terminar ali o estudo sobre a corrente do Golfo, que, nos Açores, esbarra na coluna central do



Congresso Internacional s/ Património Cultural Subaquático da UNESCO (CPAS 2024)

Atlântico, mergulhando e flectindo para Norte, para voltar à superfície junto às costas inglesas, que dela beneficiam, pois ainda chega lá com 20º de temperatura. Esse estudo era feito com o Batiscafo Archimède III, veículo submersível que podia descer a 4500 metros de profundidade.

Um dia, enquanto jantávamos no Alcides, em Ponta Delgada, Cousteau contou que a -350m, o fotómetro tinha acusado luz. Estávamos todos a jantar e, apesar dos meus 16 anos, pus o dedo no ar para falar. Cousteau deu-me atenção e, um pouco receosa sugeri que provavelmente, se teria tratado de um fenómeno de refacção da luz, pelas diferenças de temperatura que se observavam nas diversas camadas de água e que podiam reflectir a luz para camadas mais profundas - à semelhança das miragens no deserto, já que pelas leis da física, a luz não penetrava a mais de -150m...

Pousou os talheres, dignou-se olhar para mim e, voltando-se para o lado, para o Prof. Luiz Saldanha (Vice-Presidente do CPAS e o biólogo escolhido para o estudo da corrente do Golfo), disse: *Peut-être, la petite fille a raison!* Tinha um ego enorme, que só percebi nesse dia...

APVA – *Que história deliciosa, 16 anos, nem dá para imaginar...*

MF – O *Calypso* estava fundeado perto do nosso barco, estivemos a bordo várias vezes e jantávamos todos os dias com a sua equipa. O material que apanhávamos nas nossas Missões era sempre em duplicado; um conjunto para o CPAS e o outro para o Museu de História Natural da Faculdade de Ciências (Museu Bocage), cujo Director era o Prof. Luiz Saldanha. Infelizmente a colecção de Zoologia do Museu ardeu mais tarde por completo, no incêndio de 1978. Como agora já não se podem, e bem, apanhar corais, a nossa colecção será cada vez mais rara e preciosa.

AVPA – *Alguns encontros com criaturas marinhas?*

MF – Os moluscos fascinam-me, sobretudo algumas espécies, como é o caso dos *Conus*, por uma razão, ou dos *Octopodos*, como os polvos, por outra. Certo dia, um polvo minúsculo veio para o meu ombro, agarrando-se com os tentáculos ao meu fato. De vez em quando, vinha espreitar através da máscara, com olhinhos curiosos a “estudarem-me”; andou todo o mergulho comigo entre o ombro e a máscara. Quando regresssei à superfície e o deixei junto ao barco, ficou na água olhando-me de forma interrogadora - então fiz um amigo e agora vais-te embora? Partiu-me o coração! Se vivêssemos na água, teríamos um polvo como animal de estimação... desde então, deixei de comer polvo!

AVPA – *O polvo é um dos mais inteligentes animais do planeta: tem um cérebro central e oito “mini-cérebros”, resolve tarefas complexas (abrir frascos, planejar fugas). Tem*

memória, usa conchas para construir casas, define estratégias. Há muito saiu dos menu da minha casa...

AVPA – *E a arqueologia subaquática? Uma paixão?*

MF – Sim! O meu pai andava a tentar descobrir umas ruínas romanas submersas, na altura em que comecei a mergulhar com ele e o bichinho da arqueologia ficou. Nas férias, acompanhava-o todos os dias para as escavações no Cerro da Vila, hoje pertencentes a Vilamoura, e considerada zona arqueológica visitável, em vez dos hotéis que inicialmente estavam programados para aquele espaço. Uma vila romana com todas as suas infraestruturas habituais: o fórum, os balneários de água quente, tépida e fria, espaços para produção agrícola e de salga de peixe, etc. A arqueologia terrestre ou subaquática, desde que me lembro, está no meu ADN.

O CRIME DA INDIFERENÇA

AVPA – *Os cruzeiros, os navios-fábrica de pesca, trazem para terra os resíduos que produzem no alto mar?*

MF – Deveriam estar equipados com contentores para o lixo, mas quando estão ao largo, vai tudo borda fora. Não há fiscalização eficaz, porque é cara e, porque é difícil implementar outro tipo de actuação, que passe pela mudança de mentalidades e da vontade política, também!

Foi na Direcção-Geral das Pescas, onde trabalhei de 1986 a 1992, como consultora do Director-geral, na área da exploração do mar ao largo da nossa costa, que me apercebi da gravidade da situação do lixo marinho. Andava embarcada a bordo de

diversos barcos de pesca de arrasto para fazer o estudo económico dos diversos projectos. Ao ser içado o saco de arrasto, na altura já 1/3 do seu conteúdo era lixo! Passados mais de 30 anos, podemos imaginar o cenário do fundo do mar, completamente atulhado de lixo humano!!!

AVPA – *Há tempo para reverter a morte dos oceanos?*

MF – Não! Para repor o ambiente natural destruído pela pesca de arrasto são necessárias décadas, séculos, depende dos ecossistemas destruídos. Não tenho ilusões a esse respeito! Falar de esperança é violentar a minha consciência: tudo o que observei, tanto quanto conheço a espécie humana, a evolução lenta de mentalidades e a lentidão da legislação e sua aplicação...

Com a pandemia, o estado geral melhorou, mas rapidamente voltou a agravar-se: os EUA abandonaram o Acordo de Paris, há países a negarem as alterações climáticas! Mesmo que parássemos de poluir, não sei se iríamos a tempo. Seria necessária uma acção concertada a nível global.

Em nome de “A Voz de Paço de Arcos”, agradeço à Dra. Margarida Farrajota, todo o tempo que disponibilizou para que esta entrevista fosse possível.

A Senhora dos Mares é uma força da natureza! Parabéns por ser tão extraordinária, pela sua luta incansável pelo Planeta, por ter desbravado novos caminhos.

Margarida Maria Almeida

(escreve de acordo com a antiga ortografia)

Fotos de Carlos Ricardo e

Margarida Farrajota, excepto onde indicado

A criação de uma criatura

Não consigo identificar do que se trata. Pelo menos por enquanto, só sei que não tem nome. Talvez nunca venha a ter? Recuso-me a acreditar nessa hipótese mas sei que, por muito que eu queira negá-la, a possibilidade existe. E é isso justamente o mais inquietante.

Como atrair até mim e chamar algo que não tem nome? Tudo tem de ter um nome, para poder ser chamado. Não, na verdade, nem tudo: Coisas estranhas surgem de repente, assim do nada, e não cabem em definições.

É esse o problema: Como identificar uma coisa que pode ser meramente virtual, um objecto que não é portanto um objecto, que (por enquanto) ainda é desconhecido, diferente de tudo o que cabe nas habituais categorias do entendimento? Poderia dar-lhe nomes, à experiência, mas em nenhum ele se enquadra: luz, vibração, planta, animal, pedra, sombra, máquina, vento, ritmo, conceito. Por vezes (mas tudo é relativo, porque ele muda constantemente de forma), assemelha-se vagamente a uma borboleta ou pássaro, para logo se transformar em folha ou ramo ou árvore e cair apodrecido, parecendo confundir-se com a terra. Mas também essa transformação é ilusória, ou virtual. É talvez apenas isso: movimento, constante mudança, constelação instável de formas: uma amiba luminosa, incandescente, que no momento seguinte é engolida pela sombra e desaparece no escuro.

Na verdade, ele parece ter uma intenção na qual estou incluída sem remédio, independentemente da minha escolha ou vontade: Surge diante de mim, como se fosse

para mim, sem me consultar. Como se eu fosse o objecto e ele o sujeito: irrecusável e deslumbrante como uma aparição.

Mas, se sou eu o objecto, não posso possuí-lo, nem nomeá-lo: é ele que me hipnotiza e aprisiona. Esse *algo* voador, em perpétuo movimento e constante metamorfose.

Um objecto verbal, digo, lutando contra ele, retransformando-o em objecto e reconquistando a minha posição de sujeito. Porque agora sei: É um objecto verbal.

Mas (por enquanto) impronunciável, ainda sem nome, dentro e fora de mim, real e irreal, alucinante e alucinado. Uma palavra primordial, que desconheço, mas de onde pode explodir um universo. Uma reminiscência, uma sensação, um choque psíquico? Um estado inabitual de consciência, uma revelação improvável?

De qualquer modo, um objecto fugidio, que parece pertencer-me, que me chama e exige que o reconheça, mas a cada momento se evade.

Talvez possa chamar-lhe ovni: «objecto verbal não identificado.»

É isso, sei agora, que virá a ser, finalmente: um objecto verbal, que poderá portanto ser traduzido em palavras. Mais tarde ou mais cedo. Mas não sei as palavras porque desconheço (ainda) o objecto. Se tiver que lhe dar um nome provisório só poderá ser esse: objecto verbal não identificado.

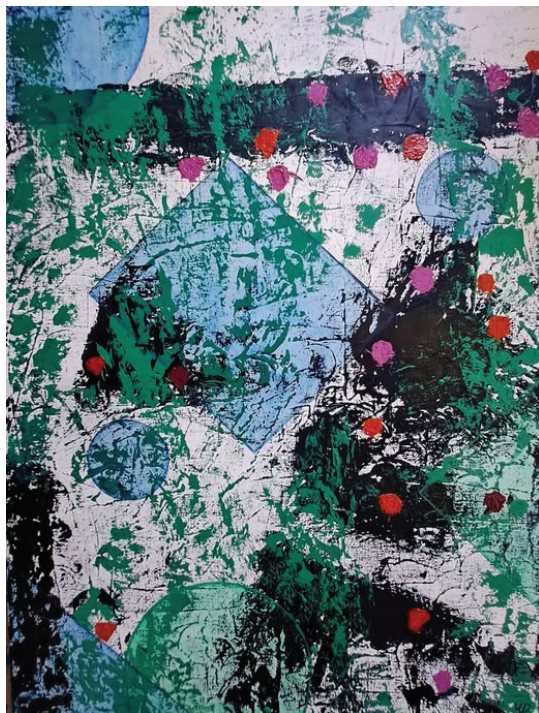
Sei que há outros ovnis de que a huma-



nidade anda à procura, noutros contextos, provavelmente há milénios. Mas também este tem uma dimensão cósmica qualquer, pode atravessar de repente milhões de anos-luz. De algum modo sei isso, sem saber.

Não consigo deixar de fitá-lo (na esperança irracional de fintá-lo), ali diante de mim e no entanto imensamente longe, oferecendo-se e recusando-se, tão pronto a revelar-se como a evadir-se, talvez benfazejo, talvez maligno.

Parece-me existir entre nós uma recíproca atracção e repulsa, um jogo qualquer de poder e de sedução. Invade-me uma espécie de pavor, mas a curiosidade e o fascínio são mais fortes. Estou só, diante de algo que desconheço e me apavora, mas darei a vida para chegar a nomear, ou pelo menos



a conseguir ficar mais perto de entender.

Todavia, por enquanto, não consigo identificar este objecto. (Ainda) não. E escrevo «ainda» entre parêntesis, porque não sei se alguma vez conseguirei.

Do livro “Atrás da porta e outras histórias”

Teolinda Gersão
(escreve de acordo com a antiga ortografia)

Créditos:

Foto da Autora: Homem Cardoso

Pinturas:

“Primavera” de Maria Júlia Pacheco
juliapacheco.blogspot.com
escreinventando.blogspot.com

“Novembro” de Sofia Simões
sofiasimoes.pt
facebook.com/SofiaSimoesPintora

Cachias e as Fortalezas do Tejo - II

Nos “anos de ouro” de 1500, resultado das descobertas e da enorme expansão com ricos territórios ocupados, Portugal foi neles construindo Fortificações (hoje, dezenas delas estão classificadas pela UNESCO), equipando-as com o melhor equipamento de fogo para a defesa dessas possessões, bem como as Naus e Galeões (alguns com 200 canhões) dos “senhores dos mares”.



Mazagão - Fortaleza Património Mundial

(Continuação do número anterior)

No final dos anos de 1500, foram terminadas as construções das Fortalezas de S. Lourenço e de S. Gião, e a sua fama impôs tal respeito que nenhuma Esquadra inimiga se atrevia a querer entrar no Tejo para chegar a Lixboa (exemplo da Armada

Espanhola que, em 1580, fundeou ao largo de Cascaes e fez a invasão a pé até à Capital), acabando por, todas estas Fortificações edificadas, nos séculos seguintes nunca chegarem a disparar um tiro. Apesar de não existir um exército de Artilharia (os homens eram contratados e bem treinados conforme



Av. dos Fundadores, 59-A
12770-072 PAÇO DE ARCOS
Tel. 21 441 02 85

as necessidades), tínhamos, então, está escrito, as melhores Fortificações e a melhor Artilharia do mundo.

Porém, durante a ocupação e governação Espanhola (1580-1640) perdeu-se todo o nosso Império para além da Índia. Após a Restauração (1640), impunha-se a construção de Fortificações nas margens e na barra do Tejo e em toda a costa para a defesa de Portugal. Logo após a retoma da independência de Portugal, os espanhóis iniciaram uma guerra, a Guerra da Restauração que perdurou mais de 28 anos. Sucessivamente aconteciam invasões e ataques nas povoações fronteiriças e outras grandes batalhas, principalmente no Além-tejo com a intenção de chegarem a Lixboa e retomarem novamente o domínio de Portugal. Nessas contendas evidenciou-se, entre outros, D. António Luís de Meneses. Reconhecia-se que Lixboa não estava suficientemente protegida com as defesas existentes e para a tornar mais eficaz, vinham sendo construídos Fortes e muralhas que a envolviam para uma melhor proteção. Por outro lado, prevendo-se que os castelhanos poderiam tentar uma invasão por mar, com a sua poderosa Armada a entrar no Tejo, rio acima e com fraca resistência, D. João IV, nomeou, o seu

reconhecido mais valoroso Comandante de Armas, já Conselheiro de Estado e do Conselho de Guerra (desde 1643) e Vedor da Fazenda Real, o Conde de Cantanhede, D. António Luís de Meneses, como novo Governador da Praça de Armas de Cascaes. No seu novo cargo, exigia-se pleno empenho e urgência em organizar o reforço das Fortificações de defesa em toda a Barra do Tejo, em ambas as margens, desde Lisboa até ao Cabo da Roca.

(Continua no próximo número)

Notas

1 – (designação das Fortificações)

XXX – No no 1 deste Capitulo sobre as Fortificações, no 2o paragrafo, onde está escrito “expulsão dos muçulmanos de Portugal”, deveria estar, Lixboa.

Consultados os Livros ARCO DE BELÉM A S. JULIÃO de L. Costa Guedes e FORTIFICAÇÕES DE OEIRAS de Joaquim Boiça.

Diversa Literatura do século XVIII.

Carlos A.R. Frederico de Albuquerque



LER ONLINE

**A LIBERDADE DE LER “A VOZ DE PAÇO DE ARCOS”
NO FORMATO DIGITAL**

**Digitalize o código ou acesse a
avozdepacodearcos.org**

LEIA - ASSINE - COMPARTILHE

CONCUR SO FOTO GRAFIA OEIRAS

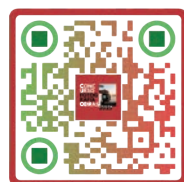


2025

Estão abertas as
inscrições

PARTICIPEM

concursodefotografiaoeiras2025.online



LEIA-ME

ORGANIZAÇÃO



APOIO



**OEIRAS
CULTURA**



Ary dos Santos – O poder transformador da palavra

José Carlos Ary dos Santos, um dos grandes poetas da Revolução de Abril, personalidade múltipla e complexa, para muitos um dos mais talentosos poetas portugueses do século XX.

O fio condutor da sua poesia passa pela defesa da liberdade, da resistência, da denúncia da opressão, da pobreza. Usa a ironia, um ritmo vertiginoso, a eloquência, uma linguagem torrencial, imagens e palavras que dizem do desamor dos Homens. O poeta como agente político activo na sociedade em que se insere.

É desta personalidade controversa, colérica, terna e frágil que vamos falar! Homossexual assumido, militante do Partido Comunista Português, transgressor, exuberante, excessivo. Sorriso aberto, voz tonitruante, cigarro entre os dedos, copo de *gin* na mão.

Instinto poético nato. Ary carregando vida fora as suas feridas incuráveis, Ary maior do que a vida. Foi grande em tudo: na compleição física, no vozeirão com que dizia os seus versos, nas fúrias épicas, na irascibilidade, na defesa feroz das suas causas. Generosidade e ternura coexistiam com a agressividade extrema com que destratava os seus ódios pessoais.

Escreveu mais de uma dezena de livros de poesia, reunida na “Obra Poética”, uma colectânea dos seus poemas, Edições Avante, 1994. O Pai subsidiou o seu primeiro livro aos 15 anos, “Asas”, Ary era considerado um caso de precocidade poética: «A minha família considerava



Ary dos Santos

que eu era um menino prodígio, o Mozart da poesia e fez-me o grande desfavor de publicar este livro que me encheu de vento e teria continuado a encher se eu não assentasse os pés na Terra...»

O livro é dedicado à Mãe: À saudade de minha mãe / os meus primeiros versos / que nasceram da infinita / dor de a ter perdido.

Ary nasceu em 7 de Dezembro de 1936, família aristocrática, alta burguesia endinheirada. A avó Guilhermina - trinetá do Intendente Pina Manique, Ministro todo poderoso do Reino após a queda do Marquês de

Pombal - foi um dos grandes suportes afectivos da sua vida.

A morte da Mãe, fulminada por um aneurisma, deixou-lhe um vazio que nunca ultrapassaria e pôs fim a uma infância feliz. Ary era um adolescente de 14 anos, expressava na rebeldia a dor da perda.

À Mãe amada dedica um poema sofrido:



Ary dos Santos por Maria E. Neves

Minha Mãe Que Não Tenho

(,,) Minha mãe que não tenho / inventa-me primeiro: / constrói a casa a lenha / e o jardim / e deixa que o teu fumo / que o teu cheiro / te façam conceber dentro de mim.

Vem depois o suicídio do irmão mais novo que adorava. Diogo suicidou-se, era ainda um menino de 18 anos. Um desgosto de amor por uma atriz mais velha: como aceitar?

Ary abandonou a casa da família com 16 anos, em ruptura com o Pai, situacionista e legionário. Para trás deixou três empregados, motorista, jardineiro e uma vida recheada de luxos. Levou consigo apenas duas malas e 25 tostões. Foi trabalhar, passou por vários empregos até chegar à publicidade, campo em que teve grande sucesso.

A morte da Mãe, o suicídio do Irmão, o corte com o Pai, o afastamento da família foram a causa da sua solidão interior, da angústia que o consumiu toda a vida. A sua fuga era o álcool...

Natália Correia, no prefácio ao livro *“As palavras das cantigas”* (edições Avante) descreve-o como *“multifacetado, marcado por um desespero fulcral, aristocrata nostálgico, o poeta que expõe a sua dor pelos infortúnios do mundo, o amante sem amor, o sentimental que se dava aos pobres, o trovador lírico profundamente ligado à infância.”*

MÚSICA POESIA RESISTÊNCIA COMBATE

Escreveu mais de 600 poemas para canções intemporais que marcaram a música “ligeira” portuguesa: “Um homem na cidade”, “O cacilheiro”, “O homem das castanhas”, “Lisboa Menina e Moça”, “Os putos”, “Cavalo à solta”, “Desfolhada”, “Tourada”...

“Estrela da tarde”, é um extraordinário poema de amor na sublime voz de Carlos do Carmo:

“Era a tarde mais longa de todas as tardes que me acontecia. Eu esperava por ti, tu não vinhas, tardavas e eu entardecia. Era tarde, tão tarde, que a boca tardando-lhe, o beijo morria.”

(,,) Meu amor, meu amor / Minha estrela da tarde / Que o luar te amanheça / E o meu corpo te guarde. / Meu amor, meu amor / Eu não tenho a certeza / Se tu és a alegria / ou se és a tristeza. / Meu amor, meu amor / Eu não tenho a certeza! (...)

Escreveu para Amália Rodrigues, Zeca Afonso, Paulo de Carvalho, Simone de Oliveira, festivais da canção, teatro...

Fernando Tordo foi seu parceiro musical ao longo de 12 anos, um trabalho intenso que elevou o patamar de exigência e de qualidade do binário melodia/poema. Ary e Tordo viviam no mesmo prédio, na Rua da Saudade - hoje Rua Ary dos Santos - o que facilitava o trabalho noite dentro. O álcool não inibia a criatividade de Ary...

O duo “acabou por acabar”: o alcoolismo de Ary, a rotina, a vontade de Fernando Tordo de explorar novos caminhos.

Trabalharia depois com muitos cantores, muitos compositores. Carlos do Carmo pro-



Ary dos Santos e Natália Correia,
por Fernão Campos



Amália Rodrigues por Sofia Simões

ximou Ary do fado, que nunca mais seria o mesmo. Escreveu poemas para Carlos do Carmo e para Amália Rodrigues, colaborando com Alain Oulman. Ary era amigo e admirador de Amália Rodrigues, de quem se terá afastado após a Revolução de Abril, por razões ideológicas.

Festival da Canção de 1973, canção “Tourada”: vencedora, com letra de Ary dos Santos e melodia de Fernando Tordo, que a interpretou. Uma pedrada no cinzentismo da ditadura que veio dizer o que já se sabia: o Rei ia nu. A Censura não atingiu o alcance do poema, armadilhado com metáforas e analogias e não o censurou: na verdade, a “Tourada” tornou-se uma bandeira da luta contra a opressão do Estado Novo que até era velho, uma mensagem de resistência e esperança. Um ano depois, chegava a Revolução de Abril.

ARY – POETA DE ABRIL

Ary lutou na oposição ao Estado Novo e, depois, na defesa da Revolução de Abril e dos novos desafios que surgiram (nacionalizações, reforma agrária, fim da guerra colonial... paz, pão, educação, saúde, habitação...) A poesia era uma arma. Lutou contra as suas origens aristocráticas: os poemas “O burguês”, e “Pavana para uma burguesa defunta”, são uma crítica violentíssima aos valores da burguesia!

Vieram depois, às catadupas, poemas de Abril: As portas que Abril abriu / Sonetos de amor e de luta / Soneto escrito na morte de todos os anti-fascistas assassinados pela PIDE / Não passam mais / Os mortos-vivos do Tarrafal / Cada vez somos mais / Home-nagem ao povo do Chile / A bandeira comunista.

Ary desafiava normas literárias, convenções linguísticas, por isso foi marginalizado pelos académicos puristas que o viam como um mero fazedor de versos menores. O erotismo, as obscenidades nos poemas incomodavam muitos! A elite condenava-o porque se afastara da alta literatura, foi duramente atacado por Natália Correia: essencialmente por razões literárias, mas também porque, em 1975, ela defendia o lado político oposto ao “pêcêpismo” de Ary dos Santos. Zangaram-se, Ary considerava-a sua irmã, eram parecidos no excesso,

CASA JOÃO

DE JOÃO J. NICOLAU A. SANTOS

**Reparação de máquinas de costura
de todas as marcas**

Fanqueiro, Retroseiro e Têxteis Lar

Rua Costa Pinto, 103 – Tel. 21 443 2256 – Telem. 93 970 4774 — 2780-582 PAÇO DE ARCOS

na paixão. Mais tarde, percebendo que Ary não procurava o poema espectáculo, a popularidade fácil, reconheceria o valor da sua poesia e escreveria o prefácio que ele já não leria, no livro póstumo “As Palavras das Cantigas”.

A poesia de Ary dos Santos reflecte influências literárias várias: poesia popular e trovadoresca, surrealismo, neorrealismo, modernismo, influência do seu irmão Bocage, a quem dedica um soneto. Uma poesia com elementos da oralidade e do lirismo popular, próxima do povo.

MINHA LÃ, MEU AMOR

O trabalho na publicidade começou em 1958. Para um poeta genial, o êxito chegou rápido. Os patrões aturavam-lhe tudo: o álcool, as faltas, a arrogância, a irascibilidade, as cóleras homéricas... tudo menos perdê-lo!

Minha lâ, meu amor; para a Woolmark; **Mais seguro é mais futuro** (para uma seguradora); **Purificador do hálito Halazon:** a melhor invenção depois do beijo; **Cerveja Sagres, a sede que se deseja,** para a Sagres.

Poeta, comunista militante com intensa actividade política, só seria aceite como militante do PCP depois do 25 de Abril. A sua orientação sexual terá sido o motivo da discriminação.

Tinha 47 anos e uma cirrose incurável. A morte chegou em 18 de Janeiro de 1984, o *gin* ganhou à vida. O seu testamento foi feito – na quase totalidade – ao PCP, incluindo os direitos de autor.

O funeral foi uma grandiosa manifestação de dor, o caixão coberto com a bandeira do PCP, um rio de gente que se atropelava para entrar no cemitério do Alto de S. João. Ary era muito popular.



Zeca Afonso por SMILE

No “Jornal de Letras” de 31 de janeiro de 1984, José Saramago escreveu:

“O Ary dos Santos era arrebatado, um estoirado vergas, um coração ao pé da boca, um bebedor de *gin*, uma criança que cresceu e criança ficou, um energúmeno de comício, o Ary dos Santos morreu antes de velho, na hora em que o Tempo lhe batia no ombro e lhe soprava os primeiros cabelos brancos, o Ary gostava de camisa de seda, o Ary dos Santos era comunista, o Ary dos Santos pediu que lhe pusessem uma bandeira em cima, o Ary dos Santos era bandeira de si mesmo.”

Morria jovem o defensor dos homens sem: sem trabalho, sem casa, sem direitos, sem presente, sem futuro...

Margarida Maria Almeida,
(escreve de acordo com a antiga ortografia)

Créditos:

Maria Elisabete Neves
luardejaneiro.blogs.sapo.pt

Fernão Campos
ositiodosdesenhos.blogspot.com

Sofia Simões - sofiasimoes.pt
facebook.com/SofiaSimoesPintora

SMILE

facebook.com/SmileIart
instagram.com/smile_artist_official

Carta de D. Ema Batalha, que muito agradecemos

CESAR BATALHA
RUA DAS ALCÁSSIMAS, 15
2780-175 OEIRAS

Ema Batalha

Venho por este meio transmitir-lhe o meu agradecimento pelo artigo publicado no último número de "A VOZ DE PAÇO DE ARCOS", da autoria de Sr. Ricardo Belo de Moraes, concorrente à atribuição, por Sua Excelência o Presidente da República de Portugal, da Comenda da Ordem do Mérito, ao Maestro César Batalha, a título póstumo.

Não posso também deixar de manifestar o quanto me sensibilizou a sua leitura e a inserção no vosso jornal, que sempre abrinha as suas páginas à divulgação da actividade artística do nosso Maestro.

Um enorme Obrigada, os melhores cumprimentos e os sinceros votos de que "A VOZ DE PAÇO DE ARCOS" continue a fazer-se "ouvir", na comunicação de tudo o que vai acontecendo no nosso concelho.

Ema Batalha

Em 17 de Março de 2025



CONSULTORIA DOCUMENTAL

APOIO A IMIGRANTES

Serviços de Confiança

Tlm: (351) 935 958 044 | (351) 935 958 046 | Tel. 218 207 874 | contato@ssdocumental.com

Centro Comercial Carcavelos - piso -1 IJ. 4 | www.ssdocumental.com | 2ª a 6ª das 09 às 18h - Sábados sob marcação

Medicina preventiva na área da saúde, com especial incidência para patologias (doenças) prevalentes em regiões tropicais e subtropicais

É de consenso que o estado de saúde de uma população é uma base fundamental para o seu desenvolvimento e progresso.

Os seus, ou sejam, pessoas bem instruídas constituem a massa crítica de diversas áreas. Nos casos aqui apontados referimos a medicina e a saúde.

As consequências ou resultados são evidentes, como sejam, a diminuição da mortalidade e da morbilidade/doenças. Pessoa doente ou adoentada não consegue dar o seu rendimento profissional muitas vezes e passa a factor negativo em relação aos envolvidos profissionais, parentes e familiares, e mesmo socialmente.

A complexidade do tema está bem expressa na necessidade de constituir múltiplas especialidades médicas. Assim, um bom funcionamento aplicando meios da saúde diminui drasticamente os dois elementos referidos, ou sejam, a mortalidade e a morbilidade.

Uma das definições da saúde aponta para o bem-estar e não apenas unicamente a ausência de doenças. Uma população bem instruída nos factores básicos da

saúde, por exemplo, na sanidade contribui muitas vezes, para a diminuição das doenças.

Nos currículos apresentados, constata-se a diversidade das especialidades e subespecialidades num grande número de situações. De modo algum, estão excluídas pessoas em estado do pressuposto saudável ou sem sinais evidentes de doenças.

A acção correcta sobre muitas doenças permite uma redução drástica de doenças e mortalidade.

Os intervenientes na saúde devem conhecer os básicos dos mecanismos e recuperação de muitos órgãos. As diversas acções residem na prevenção primária, na acção curativa e na reabilitação das mesmas, quando necessárias.

A prevenção tem um campo de actividades muito vasto, dependendo de múltiplos factores que atingem as profissões, o clima e múltiplos vectores ambientais. As condições ecológicas permitem um grande número de doenças graves e/ou aumentam a gravidade das mesmas. Exemplo disso, as doenças por certos vectores, como sejam as chamadas doenças tropicais. No



MANLOC
OFICINA AUTOMÓVEL e MOTO

Tel.: +351 216 072 206
Estrada da Cartuxa, 10 - 2760-022 Caxias
e-mail: geral@manloc.pt www.manloc.pt

entanto, mesmo pessoas que se consideram saudáveis estão sujeitas a doenças com características que muitas vezes ignoram.

Um outro exemplo pode ser aplicado a pessoas com estadia, mesmo ocasionais, em regiões onde imperam muitos vectores de patologias, doenças autóctones. A medicina nos seus diversos ramos tem, por inerência, uma acção humanitária muito importante. Muitas destas doenças podem ser evitadas com um conhecimento das mesmas que pode ser adquirido através destas iniciativas e consultas.

O descuido é que pode levar a situações muito graves.

Podemos sistematizar:

1. Projecto de telemedicina. Dirigida por profissionais com conhecimentos muito vastos, teóricos e, muito importante, prática dos mesmos, sobretudo obtidos nas regiões que são o alvo destas doenças.

2. Como causas próximas àquelas que, aparentemente, não foram adquiridas em regiões e locais muito diferentes do Globo.

3. De salientar o enorme número de deslocamentos, actividades profissionais, turismo ou não, incluindo as estadias e os regressos.

Como foi referido, múltiplas doenças ou aparente bem-estar podem ser travadas ou combatidas eficazmente com acções, por vezes, apenas necessitando de conhecimento da arte médica acessível e global.

A telemedicina e a educação para a saúde podem conduzir esta acção ou dirigir para outras mais complexas.

A finalizar, apenas referir que em muitas zonas do mundo, doenças controláveis são causa de morbilidade e mortalidade.

Os exemplos são muitos e actuais.

Na segunda parte, abordaremos especificamente, diversas doenças como sejam, a malária, as tripanossomíases (doença do sono), as bilharzioses, as parasitoses intestinais entre outras, e os meios condições/possíveis de as combater.

Dr. José Lopes Martins



Ofetalópticas
A olhar o futuro.



optivisão

@ ofetal@ofetal.pt
www.ofetal.pt
facebook/ofetalopticas

Oeiras Vila Rua João Teixeira Simões, 3 2780-254 Oeiras T. +351 214 425 100	Moinho das Antas Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, 5A 2780-241 Oeiras T. +351 214 427 944
Oeiras Fórum Rua Dr. José da Cunha, 33B 2780-187 Oeiras T. +351 214 415 916	Paço de Arcos Rua Costa Pinto, 95-97 2780-582 Paço de Arcos T. +351 214 422 717

Canções do 25 de Abril

As 22h55 do dia 24 de Abril de 1974, era dada a primeira senha, nos Emissores Associados de Lisboa, para o MFA (Movimento das Forças Armadas) se preparar para a missão de libertar Portugal do regime ditatorial em que esteve durante 48 anos. Aos microfones, João Paulo Diniz, tinha que colocar à hora programada o tema “E depois do adeus”, da autoria de José Niza e José Calvário, na voz de Paulo de Carvalho, canção vencedora na 12ª edição do Festival RTP da Canção de 1974. Nessa qualidade, representou Portugal no Festival Eurovisão da Canção, em Brighton, Inglaterra, a 6 de abril. A escolha desta canção era por a mesma não ter conteúdo político e ser uma música em voga na altura, não levantando assim, quaisquer suspeitas, podendo a revolução ser cancelada se os líderes do MFA concluíssem que não haveria condições efectivas para a sua realização. A posterior radiodifusão, na emissora católica, de uma música claramente política, de autor proscrito, daria a certeza de que já não haveria volta atrás e que a revolução seria mesmo para arrancar.

Primeiros versos de “E depois do adeus”: Quis saber quem sou / O que faço aqui / Quem me abandonou / De quem me esqueci / Perguntei por mim / Quis saber de nós / Mas o mar / Não me traz / Tua voz.

Assim, existiam duas senhas no 25 de Abril. Na primeira, era dada a



Salgueiro Maia. Foto de Marques Valentim marquesvalentim.com

ordem para as tropas se prepararem e estarem a postos, enquanto o efectivo sinal de saída dos quartéis seria a emissão, pela Rádio Renascença, de “Grândola, Vila Morena”, de José Afonso (popularmente conhecido como Zeca Afonso), a qual foi tocada às 00h20 do dia 25 de Abril de 1974.

“Grândola, Vila Morena” é um poema e canção composta e cantada por Zeca Afonso, a qual, revolucionária desde cedo,

tornou-se o hino dessa época. Foi escrita e gravada em Outubro de 1971, após uma visita à Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense, situada precisamente em Grândola, no Alentejo. Apesar de não ser inicialmente concebida como uma canção de protesto, as mudanças feitas na altura da gravação, atri-



Capa do single “E depois do adeus”



Paulo de Carvalho por Tamara Alves
tamaraalves.com | instagram.com/tamara_aalves

buíram-lhe uma mensagem altamente política no contexto da ditadura do Estado Novo. “Grândola, Vila Morena” tornou-se um símbolo da luta popular e um património nacional, conhecida pela vasta sociedade portuguesa.

No entanto, a canção foi composta em 1964, após uma actuação de Zeca Afonso na vila alentejana de Grândola, onde foi muito bem acolhido pela Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense. O poema só se tornou numa canção gravada, em Outubro de 1971, sendo a quinta faixa do álbum “Cantigas do Maio”, com arranjos e direcção musical de José Mário Branco, gravado em Hérouville, França, sendo editado esse disco, em Dezembro do referido ano. Zeca Afonso estreou essa canção numa actuação em Santiago de Compostela, Espanha, a 10 de Maio de 1972.

Mas para o 25 de Abril, de início foi escolhida “Venham mais cinco”, também de Zeca Afonso. No entanto, quando já se



Zeca Afonso por Vhils
vhils.com | instagram.com/vhils

acabara o período de preparação, descobriu-se que essa canção estava incluída na lista de músicas banidas pela Rádio Renascença, a emissora católica, proibida assim de passar no programa “Limite da estação de rádio”, como fora planeado. Perante a necessidade de escolher uma outra que não estivesse barrada, definiu-se “Grândola, Vila Morena”, a qual tinha sido fortemente aclamada pelo público no I Encontro da Canção Portuguesa. A ordem de operações foi emendada e, à 00h20, de 25 de abril, ouviu-se a voz forte do locutor a recitar os quatro primeiros versos: Grândola, Vila Morena / Terra da fraternidade / O povo é quem mais ordena / Dentro de ti, ó cidade.

(continua no próximo número)

Luís Amorim
(escreve de acordo com a antiga ortografia)



Capa do álbum “Cantigas do Maio”

Um jogo de espelhos camiliano¹

Em menos de uma década, Camilo oferece-nos *O Que Fazem Mulheres* [OQFM] (1858), *Amor de Perdição* [AP] e *Coração. Cabeça e Estômago* [CCE] (1862), seguidos de *Vinte Horas de Literatura* [VHL] (1864), entre outros. A sua pena combina o modelo ficcional do segundo Romantismo português [AP] com a reflexão sobre ele, subvertendo-o pela paródia [CCE] e/ou pela exemplificação comentada até um insinuado curso de escrita criativa romântica [VHL].

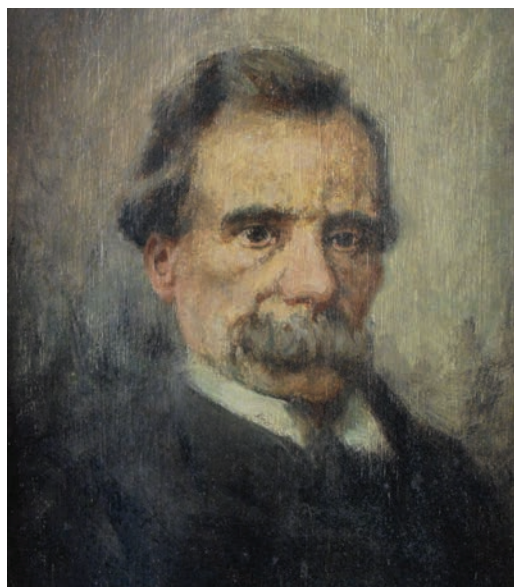
O poderoso e visceral ‘grão da voz’ camiliano mantém-nos suspensos dela, entre a luz das suas estrelas *propícias ou de salvação* e as sombras das suas *estrelas funestas ou de perdição* (que consagra em títulos), o riso e as lágrimas, a comédia e a tragédia: a *indecidibilidade* da sua ficção, entre verdade e ficção (declaradas e/ou insinuadas), impõe-na como espelho onde buscamos o *reconhecimento*. Veremos como se concretiza este programa na novela aqui tão oportunamente reeditada.

Com a indicação de género “romance filosófico”, *O que fazem mulheres* apresenta os habituais ingredientes da novela passionnal camiliana (paixões contrariadas e clandestinas, casamentos impostos, adultério, intrigas, enganos, emboscadas nocturnas, etc.). No entanto, este edifício é progressivamente desconstruído pelo narrador camiliano: fundamenta-se arquitectonicamente na contradição e noutros procedimentos que a reforçam e a desenvolvem, como veremos.

Começemos pelos textos introdutórios: “A todos os que lerem”, “A alguns dos que lerem” e “Capítulo Avulso”.

Todos contrariam o anunciado género “romance filosófico” na matéria e no modo discursivos.

Os dois primeiros interpelam dois tipos de público a seduzir (mais alargado e mais selectivo), conciliando, ironicamente, dois registos de leitura pelo modo como insinua estatutos diferentes para o romanescos: de drama inspirado “num subterrâneo, ao bruxulear sinistro duma lâmpada” e da “verdade” da representação. Esta ‘piscadela de olho’ ao “leitor pio” e ao ciente dos códigos literários, renova-se no seio da narrativa, quando Camilo, colocando possibilidades efabulatórias, chega a considerar algumas “medonha figuração” ou “parvoçada imaginativa”.



Retrato de Camilo por Alberto Aires de Gouveia (1918), Museu de Lamego

Quanto ao “Capítulo Avulso”, é, como indica o subtítulo, “Para ser colocado onde o leitor quiser”, de acordo com a falta de funcionalidade da personagem na economia da novela: seguimos Francisco Nunes, caricatura do político ensaiando um “improvisado” parlamentar contra o charuto, empunhado por ele e, muito mais adiante, pelo “braço do barão erguido em atitude profética, e lá em cima do cocuruto da mão sebácea”. Só reencontraremos Francisco Nunes no último parágrafo, após a datação (15 de Fe-



vereiro de 1858)... mas declarado como o “único personagem morto desta história”.

Outros casos surpreendem na habitual sequencialidade novelesca. Por ex., o capítulo V começa por anunciar um *divertissement* sobre “umas poucas de luas” a propósito da lua-de-mel do casal, interrompendo o curso da história, mas acabará por retomá-la. Adiante, entre os capítulos XIV e XV, insere-se

um intitulado “Cinco páginas que é melhor não lerem”, “mira[ndo] a alvo transcendental”: a problemática legal da paternidade e filiação. A falta de numeração justificada pelo título é contradita pela sua irónica inclusão implicando leitura...

Também a linearidade da história sofre enovelamentos. A meio, no capítulo XIII, uma espécie de ponto da situação da efabulação (suposta conversa entre o autor e alguns amigos sobre o desenlace) anuncia um final feliz que a “Conclusão” infirmará, mas que, após o “Fim”, o “Suplemento” intitulado “Prefácio” (mais uma vez, subvertendo as funções genológicas), concretizará, brincando com o horizonte de expectativas do leitor. A alegada verdade dos factos (justificando diferentes momentos do seu conhecimento pelo narrador) colide com a retórica da arquitectura da obra...

(continua no próximo número)

Annabela Rita



Retrato de Camilo por Silvia Mota Lopes

facebook.com/pintopalavras

mitosonhorealidade.blogspot.com

Originalmente, este texto foi prefácio da obra Camilo Castelo Branco. *O que fazem mulheres* publicado em 2016 pela Alêtheia Editores / *jornal Expresso* na Colecção “Obra essencial de Camilo Castelo Branco”.

Visita a Montemor-o-Novo

A visita ao Montado do Freixo do Meio (Foros de Vale de Figueira, Montemor-o-Novo) decorreu no passado dia 15 de Março, numa jornada organizada pela Espaço e Memória – Associação Cultural de Oeiras, em que teve lugar a iniciativa «Freixo Pré-Histórico», uma história com 7000 anos, que narra a chegada ao Alentejo dos primeiros pastores e agricultores, iniciando a chamada Revolução agrícola na região, e que teve como guia e orientador o arqueólogo Manuel Calado, a que se seguiu um almoço nas instalações da cantina da Herdade. Na parte da tarde, houve ainda oportunidade para uma visita guiada ao Castelo de Montemor-o-Novo, a cargo de Joaquim Boiça e visita ao Centro Interpretativo do Castelo, instalado na antiga igreja de



São Tiago (séc. XIV), que mostra aspectos da história e evolução da antiga vila intra-muros de Montemor-o-Novo. No final da tarde, foi ainda visitada a Cooperativa Integral Minga, para contacto com formas alternativas de organização social cooperativa, apresentadas por Alexandre Castro.

Jorge Castro



Inclusão ou exclusão?

Muito se tem falado sobre a Educação, crianças com Necessidades Educativas Especiais, maus tratos, *bullying* e como as escolas não estão a cumprir com a Lei.

Este tema é-me particularmente sensível pois sou mãe de um menino de doze anos com trissomia 21.

Inclusão, educação inclusiva é, cada vez mais, um tema crucial e atual na sociedade moderna pois cada vez existem mais crianças com NEEs. Mas será que a realidade corresponde à teoria? Será que as leis são, de facto, cumpridas?

Foi publicado o Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho que estabelece os princípios e as normas que garantem a inclusão, enquanto processo que visa responder à diversidade das necessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos, através do aumento da participação nos processos de aprendizagem e na vida da comunidade educativa.

Crianças com necessidades educativas especiais precisam de ser tratadas com a mesma preocupação, respeito e dedicação que as outras. Precisam ir às turmas, estar com os colegas, partilhar recreios, refeições, passeios e não estarem apenas fechadas entre quatro paredes, nas Unidades, com outras crianças com NEEs.

Os atuais Centros de Apoio à Aprendizagem ou Unidades de Apoio Especializado são salas mais ou menos capacitadas com material de apoio específico. Os objetivos gerais destes centros são:

- Preparar e apoiar a inclusão das crianças e jovens na turma, nas rotinas e atividades da escola, designadamente através da diversificação de estratégias de acesso ao currículo;
 - Promover mudanças qualitativas de processos e produtos de aprendizagem para uma implicação efetiva no sucesso escolar;
 - Promover a autoestima e confiança, através do desenvolvimento das suas capacidades, alargando as suas perspetivas e expectativas;
 - Promover e apoiar o acesso à formação, ao ensino superior e à integração na vida pós-escolar;
 - Promover e apoiar o acesso ao lazer, à participação social e à vida autónoma.
- Os objetivos específicos são:
- Promover a qualidade da participação dos alunos nas atividades da turma a que pertencem e nos demais contextos de aprendizagem;
 - Apoiar os docentes da turma a que os alunos pertencem;
 - Apoiar a criação de recursos de aprendizagem e instrumentos de avaliação para as diversas componentes do currículo;

-Desenvolver metodologias de intervenção interdisciplinares que facilitem a aprendizagem, a autonomia e a adaptação ao contexto escolar.

E não estão todos.

No entanto, a realidade, muitas vezes, não acompa-



nha o que está estipulado na lei. Há relatos de escolas que, apesar de terem Centros de Apoio à Aprendizagem, não implementam de forma eficaz as medidas necessárias para a verdadeira inclusão destas crianças.

É verdade que incluir crianças com NEEs nas suas turmas exige antecipação, preparação, tempo, disponibilidade, recursos, formação especializada, assistentes técnicos e boa vontade. Creio que este último, a par com a dedicação e amor à camisola, é, de facto, o que pode fazer a verdadeira diferença.

De acordo com o estipulado para as escolas inclusivas, os docentes de educação especial devem apoiar de modo colaborativo, e numa lógica de corresponsabilização, os demais docentes do aluno na definição de estratégias de diferenciação pedagógica, no reforço das aprendizagens e na identificação de múltiplos meios de motivação, representação e expressão.

Posso dizer-vos que o meu filho está no sexto ano e a maioria dos professores nem o conhece. O ano passado foi muitas poucas vezes à turma e quando ia era basicamente a Educação Física. Claro que quanto mais afastado está da turma, mais dificuldades de integração e socialização vai tendo com os seus colegas e menos vontade tem de ir pois sente-se diferente, à margem, deslocado. Não vai ao refeitório almoçar nos mesmos horários da turma, não vai aos recreios com a turma e acaba por estar cerca de 80% do tempo com as outras crianças da unidade. Por lei, deveria frequentar, no mínimo, 60% dos tempos com a classe



a que pertence e que é reduzida, precisamente por causa dele. O tempo estipulado no horário ronda os 30% e, mesmo assim, nem sempre é cumprido.

Infelizmente, ao falar com outras mães e professoras de outros agru-

pamentos, percebo que esta é uma realidade generalizada. As leis existem, mas não são cumpridas. As desculpas? Os alunos não se conseguem integrar e, acima de tudo, existe falta de técnicos/assistentes e professores de Educação Especial. Claro que, felizmente, também existem exceções e pessoas que fazem a diferença pela positiva.

É bonito dizer que a inclusão promove um ambiente de aprendizagem mais enriquecedor e diversificado para todos, permitindo que cada criança desenvolva o seu potencial máximo e aprenda a respeitar e valorizar as diferenças. Difícil é ver isto em prática. É necessário quebrar anos de injustiças, de preconceito e falta de equidade.

Como diz uma amiga minha, cujo filho tem T21, já terminou a escolaridade obrigatória e está atualmente a trabalhar num café, estas pessoas que hoje excluem e desintegram os nossos filhos, não sabem se, no futuro, virão a precisar ou a depender de algum deles para as atenderem num estabelecimento, numa clínica, para lhes preparem ou servirem uma refeição ou até cuidarem delas num lar.

Pais e mães, o Movimento Inclusão Efetiva está a reunir informações. Façam chegar o vosso testemunho.

Sara B. Carvalho

O Lagoal de Jorge Colaço

Tiago C. P. dos Reis Miranda

Quem deseje conhecer as linhas gerais da biografia do pintor e ceramista Jorge Colaço encontra diversas notícias que, em princípio, o esclarecem. Único filho varão de José Daniel Colaço, 1º Barão de Colaço e de Macnamara, e de sua prima Virgínia Maria Clara Vitória Raimunda Rey Colaço, ambos de Tânger, Jorge nasceu, igualmente, em Marrocos, estudou em Lisboa, Madrid e Paris, residiu boa parte da vida na capital do império e, depois, da república, fez diferentes viagens pela Europa e pelo Brasil, experimentou exuberantes sucessos, sofreu, em seguida, um quase ostracismo, e acabou por morrer em Caxias, no verão de 1942. As mesmas notícias especificam que, na altura, Jorge Colaço se encontrava “no Lagoal” ou “no Alto do Lagoal” (*sic*). Resta saber o endereço preciso.

As relações que o artista manteve com o município de Oeiras vieram-lhe do lado da esposa, Branca Eva de Gonta Syder Ribeiro. O sogro, Tomás António Ribeiro Ferreira, escritor e político, passou períodos de férias na “Feitoria”, teve morada em Carnaxide e foi benemérito do Santuário de Nossa Senhora da Rocha. Provavelmente por isso, ajustou ali o matrimónio de Branca, aos 23 de novembro de 1898. Tomás, o filho mais velho do novo casal, viria a ser batizado na Pena; Ana e Maria Cristina, na Conceição Nova. Foi, entretanto, outra vez, na Senhora da Rocha que ambas as

raparigas fizeram primeira comunhão. Mais tarde, Branca e Jorge ter-se-ão também hos-

pedado na reputada Pensão Moreira, em Paço de Arcos (cf. PT/MOER/MO/NF/005-02/000120 e Ana Paula Pérez de Almeida e Ana Pérez-Quiroga, *Ana de Gonta Colaço, 1903-1954 – Escultora*. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais – Intermedia, Universidade de Évora, 2006).

O desenvolvimento do gosto pela frequência das praias do Tejo, desde finais do século XIX, aumentou a demanda por espaços de acomodação de veraneio. Como já vimos, dela se aproveitaram Maria Elisabeth Mauperrin Santos, o seu filho Jaime e os seus netos Frederico, Berta e Helena. Foi perto das suas terras do Lagoal que, em 1912, se



Fig. 1 - A Colónia infantil da estância balnear da Junção do Bem no Lagoal (O Occidente de 20.10.1918, p. 228).

realizou a primeira colónia de férias da Junção do Bem no concelho de Oeiras (figura 1). E em 1916, foi o seu “Chalet B” que serviu de “sede” a essa entidade.

No início da década de ‘40, os Mauperrin Santos continuariam a arrendar ou a ceder a amigos ou conhecidos alguns dos anexos à sua quinta. O círculo de relações da família era alargado: compreendia boa parte da alta sociedade da época, por via da união de Helena com Francisco Xavier Ferrão de Castelo Branco, neto paterno do 1º Visconde de Pedroso e materno do 8º Conde da Ponte. Nos seus tempos áureos, Jorge Colaço e a mulher tinham privado com toda essa gente. Explica-se, assim, que, em meados de 1942, estando doente o ceramista, e sem meios para arranjar pouso melhor, se fosse instalar durante alguns meses num dos chalets da Quinta do Lagoal.

A perda do representante da estirpe dos nobres Colaços de Tânger ecoou na imprensa, entre expressões de admiração e respeito: “(...) faleceu ontem o distinto pintor, caricaturista e azulejista Jorge Colaço, artista muito conhecido e estimado em todo o País” (*Diário de Notícias* de 24.08.1942); “Era sem duvida uma figura de gentilhomen da arte e da sociedade portuguesa, fidalgo pelo caracter e pela liberalidade do seu talento – Jorge Colaço, pintor, decorador, ceramista, que ontem faleceu no Lagoal, em Caxias, com 74 anos de idade” (*Diário de Lisboa* de 24.08.1942).

Nos livros de registo do Cemitério dos Prazeres, onde o Barão de Colaço instituíra um jazigo, lê-se que a residência do filho e de sua mulher era na Rua da

Esperança, nº 63, 2º Esq.do, em Lisboa. Incidentalmente, porém, Jorge fora morrer a Caxias, no Chalet B do Lagoal (Lº 30, 1º vol., f. 49, nº 270). O mesmo afirmam os jornais: “(...) no Lagoal, Chalet B, em Caxias (...)”, ali se encontrando Jorge Colaço “já há dias doente” (*Diário de Notícias*, loc. cit.).

Desconsiderando a miocardite crónica de que sofria o artista, e que, afinal, também consta no seu assento de óbito, a imprensa do Rio de Janeiro atribuiu a sua morte à comoção provocada pelo conhecimento da decisão do ingresso do Brasil no conflito contra a Alemanha. Isso teria impedido o projeto de reunião dos velhos Colaços com o seu filho Tomás. Sob o título “Morreu de emoção pelo Brasil”, assim relatava *A Manhã*: “Faleceu o sr. Jorge Collaço (...), pai de Tomaz Ribeiro Collaço, jornalista português no Rio de Janeiro. Jorge Collaço morreu de emoção ao saber da entrada no Brasil na guerra, achando-se desde algumas semanas na praia de Caxias e planejava viajar para o Brasil dentro de pouco tempo para se reunir ao seu filho” (25.08.1942). Notícias semelhantes encontram-se no *Jornal do Commercio* (26.08.1942), n’*A Noite* (24.08.1942) e no *Correio da Manhã* (25.08 e 01.09.1942), entre outros. O mesmo assunto seria retomado nas revistas *Diretrizes* (22.10.1942) e *Vamos ler!* (Nº 32 de 1942), em tom quase épico: “(...) a sua obra prima, coroa da sua forte e inconfundível individualidade, Jorge Colaço improvisou-a ao morrer, morrendo de emoção, por uma tarde de fins de agosto, na praia de Caxias onde lhe chegou a nova pressaga de que se estendera ao

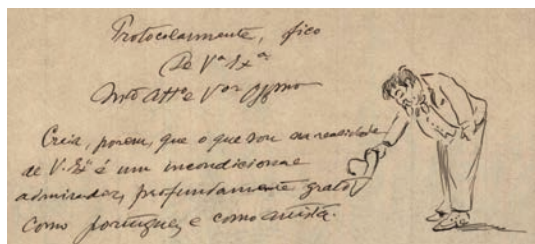


Fig. 2 - Pormenor de carta de Jorge Colaço ao Presidente do Conselho de Ministros. Lisboa, 30.10.1938 (PT/TT/AOS/E/0066/00009).

Brasil, pátria da sua afeição, o flagelo da guerra! (...) Ah, apenas um grande artista, enamorado da sua perfeição, poderia morrer em beleza, na beleza moral condigna da galhardia que ostentou em vida!”.

A relativa escassez de recursos com que na altura se debatia Colaço pode ser comprovada pela consulta do seu processo de tributação sucessória (PT/ACMF/DGCI/LIS/OEI2B/IS/02615) e pelas palavras do breve elogio que lhe dedicou a direção da Sociedade Nacional de Belas Artes: “(...) Muito simples; bondosíssimo com os pobres e os humildes, deixou aos filhos o seguinte ensinamento: ‘Os pobres devem ser respeitados duas vezes; os ricos, uma’. Era duma generosidade sem limites. (...) Morreu sem deixar testamento, porque não deixam bens materiais os homens que, como Jorge Colaço, só bens espirituais podem e querem deixar. Mas é de milionário o testamento espiritual de Jorge Colaço” (*Jorge Colaço: algumas notas biográficas*. Homenagem da Socie-

dade Nacional de Belas artes. Lisboa: [Bertrand (Irmãos), Lda., 1946). Tudo parece indicar, aliás, que, nos seus últimos anos, o pintor manteve estreitos contactos com as mais altas instâncias políticas do país, para tentar conseguir encomendas suficientes à satisfação das suas despesas e ao cumprimento das suas obrigações de chefe de família (figura 2).

O famigerado chalet que, mais uma vez, aqui se refere corresponde à atual porta nº 5 da Estrada da Gibalta e nº 6 da Rua Mauperrin Santos. Do tempo da estadia de Jorge e Branca, quase nada resta no interior, remodelado de alto a baixo no início da segunda metade da década de ’60 (figura 3). Da parte de fora, alteraram-se, também, os desenhos do último piso e dos telhados, subtraindo-se as antigas águas-furtadas. O espaço em que, contudo, se deu o desfecho tão lamentado por portugueses e brasileiros, no auge da II Grande Guerra, ainda hoje lá está. E disso não resta dúvida.

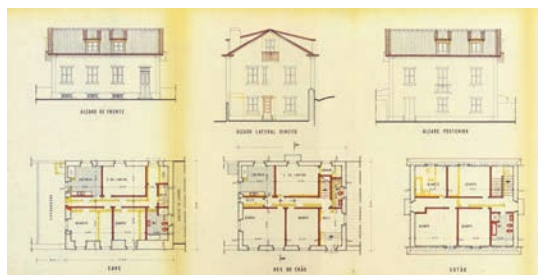


Fig. 3 - Pormenor do Proc.º de obra 454:1966 (PT/MOER/MO/URB/08/454:1966).

Agradece-se o apoio prestado pela Sr.ª Dr.ª Maria Helena Évora, do Arquivo Municipal de Oeiras, pela Sr.ª Helena Batista, da Divisão de Gestão Cemiterial de Lisboa, pelo Dr. João Sabino, do Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, e pelo Sr. Dr. Pedro Mesquita Caldeira, atual proprietário da casa nº 5 da Estrada da Gibalta.

Luís Tinoco: A Importância dos valores

Na última edição de "A Voz de Paço de Arcos", prestámos homenagem ao vencedor do Prémio Pessoa 2024, LUÍS TINOCO, compositor de música contemporânea de tradição escrita ou, como prefere, simplesmente compositor.

Partilhamos hoje um extrato do discurso que o agraciado proferiu aquando da cerimónia de entrega do Prémio, em 10 de Março último.

Luís Tinoco traça um quadro crítico destes dias de chumbo, em que circunstâncias assustadoras nos aproximam do abismo: a ascensão dos populismos, a invasão da terra alheia, Gaza "resort de luxo", o ataque aos direitos das mulheres, a intolerância, a tragédia de um planeta em asfixia acelerada...

A falta de empatia, de decência, a indiferença, o viver distraído, protegido numa bolha de alienação...

Contudo, não é um discurso catastrofista, abre caminhos de reflexão: o poder da música, da cultura, da arte como *leitmotiv* para "um reencontro com a compaixão". A defesa do valor da arte por si mesma, pelo poder de nos questionar, de fomentar o nosso espírito crítico, de elevar a exigência dos nossos padrões. Valores que, acredito, poderão humanizar o mundo hostil que muitos de nós rejeitamos.

A defesa das conquistas de Abril que sonhamos irreversíveis, o poder da empatia, a luta contra a indiferença; a defesa dos valores humanos universais. A homenagem ao enorme pianista e compositor Bernardo Sasseti, o agradecimento sentido à família.

Divulgar a essência deste discurso, inspirador, poético, comprometido, é um acto de cidadania do nosso Jornal.



Foto de Matilde Fieschi, "Expresso"

Pensem como Stefan Zweig, escritor judeu perseguido pelo nazismo: "(...) algum dia, esta recaída parecerá ter sido apenas um intervalo no eterno ritmo de avanço contínuo."

Caro Compositor, o seu discurso, penso, deverá ser lido e analisado por todos nós, em especial pelos detentores do futuro: os jovens! Na escola, em casa com os Pais, com os amigos. Um discurso para passar de mão em mão!

Em nome de "A Voz de Paço de Arcos", muitos Parabéns e muito obrigada pela disponibilidade para connosco!

*Margarida Maria Almeida,
(escreve de acordo com a antiga ortografia)*

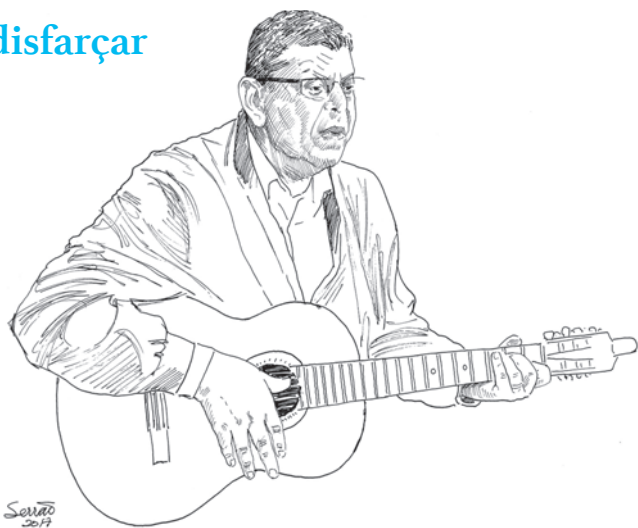


Durante o lançamento do nº 57 de "A Voz de Paço de Arcos", na Escola Secundária Luís de Freitas Branco. Foto de José Mendonça

A solidão não se pode disfarçar sente-se e vê-se

Eu já sofri e até chorei / Sozinha sem ninguém / Mas de repente apareceu / O Amor em mim nasceu. Esta é a primeira estrofe da música “Adeus, Solidão”, que a talentosa Carmen Silva interpretou nos anos 70. Um hino de celebração ao amor que preenche o vazio da solidão. A letra da música expressa as emoções de uma pessoa após o sofrimento e isolamento, encontra o amor e com ele a felicidade. A narrativa da música tanto pode ser interpretada em contexto romântico, como espiritual. No conceito romântico, a letra fala sobre a superação da solidão. Já no aspeto espiritual o amor mencionado pode ser visto como divino, que quando encontrado, preenche o coração e a alma, dissipando qualquer sentimento de solidão e tristeza. Toda essa panóplia de sentimentos, inspirou-me para a crónica que segue.

O título e o subtítulo, que escolhi, revelam que a solidão não dá para esconder, porque mais tarde ou mais cedo, transparece de alguma forma, seja no



olhar, na expressão ou na maneira de agir. Às vezes, ela é silenciosa e passa despercebida, mas deixa sinais subtis, perceptível para quem esteja atento.

A solidão tem essa profundidade quase invisível, um silêncio que se faz sem palavras. Tentamos preencher o vazio com sorrisos, distrações, mas no fundo ela permanece ali, nos nossos gestos e olhares perdidos. Muitas vezes, nem precisamos de falar para que o outro perceba. É algo que emana, que pesa no ambiente e deixa uma marca.

Ela pode ser consequência de uma saudade, um sentimento de incompreensão ou de uma procura, que parece não ter fim. Mesmo no meio da multidão,

CONTACAXIAS

Organização e Gestão de Empresas, Lda

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE:

CONTABILIDADE

IMPOSTOS (IRS, IRC, IVA, ETC.)

PROCESSAMENTO DE SALÁRIOS E SEGURANÇA SOCIAL

PROJECTOS DE INVESTIMENTO

AUDITORIA

Rua Ernesto Veiga de Oliveira, 18 D 2780-052 Oeiras

Telf. 214461740/8 * Fax 214461749

o coração sente, e os olhos mostram. É como se alma revelasse, aquilo que tentamos encobrir, como se dissesse: “Estou aqui, preciso de ser visto”

A solidão é uma espécie de eco interno, uma presença ausente que nos acompanha, seja em dias de sol ou noites de silêncio. Ela é mais do que falta de companhia; é um estado de espírito, uma sensação de que algo de especial não está completo.

A tentativa de disfarçar é como pôr uma máscara, mas a solidão encontra o seu caminho através das fissuras da máscara, aparecendo nos detalhes que entregam o que sentimos por dentro. Um sorriso apagado, um olhar distante, um suspiro que escapa, ou até uma lágrima que se verte sem ninguém esperar.

Tentamos, é claro, como acima foi dito, preencher com atividades. Mas no fim do dia quando tudo silencia, ela retorna. Nesse momento, percebemos que a solidão não é apenas um sentimento

que se esconde, mas uma presença que nos convida a entender o que realmente significa estar com nós mesmos.

Ela desafia a olhar além das máscaras que usamos, a aceitar as partes vulneráveis e imperfeitas que escondemos de nós mesmos. A solidão não é apenas uma ausência, mas também um convite a perceber o que realmente importa, conforme diz o sábio e popular provérbio português, “Separar o trigo do joio”. Talvez, afinal, a solidão tenha um propósito: ensinar-nos que, antes de procurar a companhia dos outros, precisamos de encontrar a nossa própria. É uma forma de aprender silenciosa, mas transformadora.

Eu procuro incessantemente não estar só, mas infelizmente nem sempre é possível. O estimado leitor revê-se nesta crónica?

Luís Álvares

grau de imaGnação

www.grau.pt

DESIGN	PRODUÇÃO
Gráfico	Digital
Catálogos, brochuras, flyers	Pequena e grande formato
Design de embalagens	
Criação de logótipos	Offset
Design editorial	Pequena e grande formato
Merchandising	
Estacionários	Serigráfica
Web	Têxtil
Criação e manutenção de websites	



Alameda do Sabugueiro, 58, Murganhal, 2760-128 Coxias
Telefone e Fax: 214 366 463 | geral@grau.pt

Velho ou idoso?

Quais as consequências da idade?

O artigo que pretendo escrever vai de certa maneira refletir algumas das situações pessoais, pois estou, já há algum tempo, incluído nesse grupo etário. Sabemos que a forma de encarar a velhice tem evoluído muito rapidamente. O aumento da longevidade que se tem verificado ultimamente, tem vindo a afetar os diversos comportamentos sociais, entre os quais se destaca um sinal particular, um pouco escamoteado pela pressão *marketing* da cosmética, o cheiro a velho!

Vamos iniciar a nossa abordagem à temática da velhice pelo lado mais sombrio, aquele que situa a pessoa idosa no atual ambiente social e que se evidencia, tanto pela parte física e corporal, como comportamental no seio da sociedade.

O “cheiro a velho”, como é popularmente conhecido, tem uma explicação científica e social que convém abordar com mais pormenor. Sabendo que a capacidade física vai sendo diminuída ao longo do tempo, verificamos que conseqüentemente, algumas características físicas se fazem sentir com mais relevância. Sempre equacionando a variedade de situações, evidencia-se na generalidade dos casos, uma lentidão dos movimentos que se vai tornando cada vez mais pertinente. Há uns anos, éramos capazes de saltar da cama, higienizarmo-nos e vestirmo-nos com uma certa facilidade.

Essa facilidade vai-se desvanecendo, e salvo alguns casos, o levantar e todos os procedimentos diários vão-se tornando um sacrifício cada vez maior. Nas idades

extremas, deixam de ser possíveis sem uma ajuda externa, um acompanhamento que define uma dependência progressiva e sem retorno.

Mas voltando ao tema do “cheiro”, de forma mais adequada, o odor do idoso, verificamos que essa característica é transversal, atinge naturalmente todos os idosos. Poderíamos e somos levados a pensar que essa situação levaria a um descuido de higiene, de várias formas e situações fisiológicas incontrolláveis (perdas involuntárias, incontinência, etc.). De facto, para além dos parâmetros anteriores, existe uma situação biológica que se vai desenvolvendo a partir dos 40 anos de idade. Sabemos que o nosso corpo exala um cheiro característico, que varia inclusive com as raças. Mas para além desses fatores, existe uma situação muito dependente da evolução do nosso corpo no decorrer do tempo. Com efeito, o odor corporal dum recém-nascido nada tem a ver com o de um adulto e muito menos com o de um ancião. Esse odor corporal característico em pessoas idosas, deve-se principalmente à presença de uma substância odorífera que se vai desenvolvendo, especialmente ao nível da nossa pele. Quimicamente sabemos que se trata de um aldeído resultante da transformação da gordura (oxidação dos ácidos gordos) que constituem o sebo cutâneo. Essa substância chama-se 2-nonenal, e vai-se acumulando ao longo do tempo, desenvolvendo esse cheiro característico, que só os mais novos que nos rodeiam é que rele-



vam essa sensibilidade olfativa. Embora nos custe a admitir, de facto, essa situação da presença do cheiro a idoso é mais evidenciada nos locais em que os idosos estão em presença de jovens. Eles não toleram essa particularidade olfativa, rejeitam esse contacto.

Podemos, à partida, tentar envolver essa situação num quadro de higiene pessoal, que certamente pode ser marcante, mas existe sempre este item adicional. Não impede, no entanto, que sejam desenvolvidas algumas perspetivas de higiene propostas para mitigar essa situação, entre elas podemos descrever:

1. Higiene pessoal cuidadosa: Banhos regulares, com sabonetes suaves, e hidratação da pele com cremes que, sem dar aspeto gorduroso, permitem uma proteção da epiderme.
2. Roupa e cama limpas: Lavar com frequência a roupa e os lençóis pode reduzir a acumulação de odores.
3. Ventilação e ambiente fresco: Casas bem ventiladas e arejadas ajudam a evitar a concentração de odores.
4. Uso de produtos naturais ou específicos: Existem desodorizantes e cremes específicos para peles ditas maduras, contendo ingredientes que tentam neutralizar a formação do dito 2-nonenal e assim, ter alguma ação no seu desenvolvimento.

As considerações sobre o problema da idade não ficam por aqui. Para além do aspeto físico e situação metabólica, é importante relevar todo o problema social que está implicado no contexto. O comportamento social e a sensibilidade para o idoso estão sendo afetados atualmente com um aparente afastamento. Verifica-se uma tendência crescente de condicionar os velhos em lugares isolados, por vezes longínquos, denominados pomposamente por *lares*, *casas de repouso*.

É essencial respeitar o envelhecimento. Este é uma fase natural da vida, e todos passarão naturalmente por ela. Evitar comentários negativos ou piadas sobre o cheiro ou outros aspetos da velhice é uma questão de educação e humanidade. A vida na terceira idade enfrenta uma série de desafios quando comparada com a forma de estar e viver das gerações mais jovens. A comunicação ou a falta dela está no centro desse afastamento. Não sei se



**Paço
d'Arcos**
Escola de Condução

INVESTIMOS NO FUTURO DOS CONDUTORES

Rua José Moreira Rato, 6A

2770-106 Paço de Arcos

Tel: 21 442 76 28 / 21 442 78 03

Email: esc.cond.pacodarcos@gmail.com • facebook.com/ecpa1 • www.ecpa.pt

Escola Associada ANIECA

Categorias Motociclos e Ligeiros

Parceiros IMT

Revalidações Cartas

e Documentos Veículos e Condutores

este lado é, ou será mais sombrio do que aquele que temos vindo a abordar, mas merece uma atenção especial.

A tendência crescente para o uso de mensagens escritas, *emojis* e vídeos curtos, afasta os idosos que valorizam e dominam melhor a conversa direta, olhos nos olhos, a abordagem direta sem necessidade constante de recorrer à IA (inteligência artificial), para apresentar possíveis contraditórios. O resultado dessa forma de comportamento pode gerar:

- Sentimentos de exclusão, em que o idoso sente que já não fala a mesma linguagem da nova geração (uso de vídeos no Youtube, informação da IA, novas *apps* ou simbologia hermética);



- Perda de autoestima, quando não se sentem compreendidos, especialmente em relatos de feitos e situações passadas que foram marcantes nos seus tempos de vida ativa. Só lhes resta calarem-se ou evitar conversas mais complexas, já pouco inseridas nos tempos atuais;

O resultado pode afetar emocionalmen-

te o idoso, levando-o para um isolamento emocional. Falar tem um efeito terapêutico, sem isso ficam guardados os sentimentos e tornam-se as emoções mais difíceis de gerir, levando a uma situação de progressiva depressão;

- Diferentes formas de encarar o mundo. Os mais velhos tendem a valorizar o esforço, a paciência, a estabilidade e a memória do passado. Têm dificuldade em entender a forma desinibida e de facilitismo que a atual sociedade oferece, contrariamente ao sistema fechado e constrangido dos seus tempos de juventude. Os mais novos vivem num ritmo mais acelerado e adaptam-se rapidamente à evolução cada vez mais acelerada, contrariando a situação da perda de capacidades dos idosos.

Estas diferenças fazem com que a interpretação de temas como política, clima, tecnologia ou até sociais e ambientais sejam muito distantes, gerando aquilo que habitualmente se denomina como “choque de gerações”.

Esta abordagem, como facilmente se depreende, tem muito mais para dizer, mas temos ainda esperança de vida para continuar em novos contextos.

Eduardo Barata

(professor auxiliar FFUL, aposentado)



RESTAURANTE
Borges

Rua Curry Cabral, 4 (Traseiras)
B.º Comendador Joaquim Matias | 2780-049 Paço de Arcos

TAKE-AWAY

ENCOMENDAS 214432659/938499790

Taxa de entrega 3,50€, gratuita a partir de 25€

Horário: 12/15h - 18/21h Seg. a Sáb | 11/15h Domingo



MARISCOS E PEIXES SEMPRE FRESCOS

(Ao Papa Francisco) Os homens medem-se pelas suas ações...

Os homens medem-se pelas ações, pela força das suas convicções, pela bondade dos seus corações. Os homens maiores passam pela Terra deixando uma marca inapagável, serão lembrados pelas mais longínquas gerações, quando partem deixam comoção, dor, admiração. Usaram as palavras certas, fizeram com competência o que tinham a fazer, espalharam amor, não foram vaidosos, combateram corajosamente a corrupção, defenderam os oprimidos, mas também fizeram muitos inimigos, aqueles que não suportavam ver expostos

os seus defeitos, a sua pequenez, face a tanta grandeza e a tanta virtude. Um homem bom é sempre um espinho para um homem mau. E nunca dói aos puros a grandeza e a virtude de um homem – porque a pureza não inveja, não se sente diminuída, antes se regozija sempre com o esplendor do bem, que é como um sol que brilha no firmamento. A grande consolação, quando um homem bom morre, é que ele permanecerá vivo nos corações dos homens puros, pelas suas ações, pela força das suas convicções, pela bondade do seu coração.



Mural ao Papa Francisco por Heber Martínez | [instagram.com/heb_martinez](https://www.instagram.com/heb_martinez)

Obrigado, Papa Francisco

Obrigado por me teres ensinado o essencial que cabe numa palavra: amor.
Obrigado por me teres ensinado que devemos sempre sorrir como quem dá uma flor.
Obrigado por me teres chamado a atenção para a importância suprema de dar.
Obrigado por me teres lembrado a necessidade de nunca em mim mesmo me fechar.
Obrigado por me teres feito chorar quando ouvia as tuas palavras cheias de sabedoria.
Obrigado por me teres ajudado a ultrapassar a dor quando eu mais a sentia.
Obrigado por me teres feito compreender que a bondade pode vir de quem tem poder.
Obrigado por me teres mostrado que a simplicidade é uma forma superior do ser.
Obrigado por me teres enchido a alma de luz e de esperança com o exemplo que deste.
Obrigado, tu que tão alto subiste, porque em tudo o que fizeste de alegria me encheste.

Jorge Chichorro Rodrigues

A Emboscada



*A Tropa prepara
Pr'a no mato ir matar
Mas nos olhos o medo
De poder não voltar*

*Sequem pl'a picada
Com muit'atenção
Pois foi-lhes imposto
Cumprir a missão*

*Ouvem-se tiros
É um'emboscada
A tropa reage
Com a arma em rajada*

*O fogo é intenso
E o medo é imenso
Que alg'aconteça
E todos protegem
A sua cabeça.*

*As munições acabaram
E os soldados gritaram
Temos um morto e dois feridos
Por tiros perdidos*

*Mal ou bem retirámos
Mas o corpo do morto
No mato deixámos...*

*Acabada a emboscada
Ao local nós voltámos
Mas o corpo do morto
Já não encontrámos...*

*Quando à base chegarmos
Então choraremos
Porqu'aquele Camarada
Jamais o veremos...
Jamais o veremos !!*

Carlos Ricardo

Porque hoje é sábado

*Porque hoje é sábado
vou ao mercado*

*Lá
há carne e hortaliça
acabadinhos de chegar
e peixe do melhor
ainda a saber a mar*

mas outras coisas por lá há:

*há letras que se juntam
para falar, cantar, rir, e até pintar...*

*Porque hoje é sábado
vou ao mercado*

*lá
as letras são livres
juntam-se por vontade.*

*Alimentam a alma
aconchegam o dia
moldam o futuro
que renasce do nada.*

*Porque hoje é sábado
vou ao mercado*

*lá
onde acontece magia
onde letras sem medida
se juntam*

*com humanidade
e constroem
a palavra maior:
AMIZADE!*

Carlos João

A dança da vida

Vem daí
Vem dançar
Essa dança que é
A Vida!
Traz Alegria no teu peito
Traz Harmonia e Amor
Em tudo o que fazes
Dar-te-ei uma Flor
Que jamais murchará!
Não desanimes
Pois Deus está contigo
A toda a hora
A todos os minutos
Deixa-me dar-te
Um Abraço
Olha para os Céus
Que Deus ajudar-te-á
Não desanimes
A Vida traz-te Felicidade
Todos os dias da tua Vida!
Vive intensamente
O momento
A Vida
É uma dádiva de Deus...

Oscar Demoustier

Contraponto

Vê o cacto da varanda norte deu nova flor
esta madrugada

estarei atento ao aparecer
de outro rebento na próxima floração
e por estes miúdos passos caseiros
em vigília ficarei
aperfeiçoando a arte do espectáculo
a afeição ao pormenor
o consolo contra a culpa

Do livro “Colheita serôdia inéditos e dispersos”

Levi Condinho

XXXV - Pátio Andaluz

Tenho um pátio andaluz no meio de mim.

Todo água, espelhos e pedras preciosas.

É lá que te quero sem verbo nem averbamento.

Secreto soneto escrito na pele.

Cumplicidade forjada em códigos de silêncio.

Existimos num plural sem conjugação nem conjura.

Tenho, para ti, um pátio andaluz no meio de mim, todo água e vidrinhos coloridos.

Fresco refúgio mesmo quando tudo arde.

Do livro “O Pequeníssimo Livro de Ti”

Rita Tormenta

Os leitores

Não creio que haja olhos tão evidentes
nem rostos mais tranquilos.

Ante o franzido do poema ou o torso
rebuscado de uma prosa,
também não existirá um tão devoluto
coração como o dos leitores. Se não os
amamos é porque os não conhecemos.
Ou serão eles talvez o inverso do amor
pelo conhecimento amargo dos livros.

Seres assim professam a bondade
de existirem lendo-nos sentados ao sol
para cá e para lá de chapéu na cabeça,
tão cedo ligados ao chão da escrita
como ao embalo do sono numa rede.

Do livro “Longos Versos Longos”

João de Melo

Abril

*Abril
dos cravos,
Abril
das flores,
Põe cá fora
a liberdade.
Solta as amarras
Dos amores!*

*Abril
sem fim,
que soltaste os prisioneiros
dos obscuros calabouços.*

*Solta as amarras.
Solta os amores.
Solta a liberdade.
Solta as cores.*

*Abril
não terás
amargas dores.*

*Só terás
Imensos canteiros
de flores!*

Lina Roque

Quero simplesmente que sejas meu amigo

*Não quero que sejas muito ou pouco meu
amigo.
Quero simplesmente que sejas meu amigo.
Quero que sejas meu amigo na medida
certa,
e por isso tenhas sempre para mim a porta
aberta.
Quero que me saibas ouvir, quando eu
estiver triste,
como eu te saberei ouvir quando tu estiveres
triste.
Quero que entre nós não haja segredos, nem
intrigas,
e haja sinceridade e lealdade em tudo o que
me digas.
Quero que, nos momentos mais difíceis,
estejas comigo
porque é nesses momentos que se vê quem
é amigo.
Saberei também estar do teu lado, não por
obrigação,
mas porque é isso que me pede o meu
coração.
Quero que o tempo consolide a nossa ami-
zade,
e que nos tornemos inseparáveis com a
idade,
rindo juntos, chorando juntos, de tal modo
unidos
que será como se desde sempre fôssemos
conhecidos.*

Jorge Chichorro Rodrigues

Meia Maratona de Lisboa 2025

Abdi Waiss, do Djibuti, e Tsigie Gebreselama, da Etiópia, venceram no domingo, 9 de Março, as corridas masculina e feminina da 34ª edição da Meia Maratona de Lisboa.

Em 59m44s, Abdi Waiss cumpriu a distância da prova (21097 metros), a o3mo3s do actual recorde do mundo. O queniano Shadrack Kipkemei ficou em 2º, com 59m49s, seguido pelo djibutiense Mohamed Ismail, a fechar o pódio masculino em 59m54s.

Já na prova feminina, Tsigie Gebreselama completou o percurso entre a Cruz Quebrada e Belém em 01h04m21s, batendo o recorde da prova, em 1m09s, seguida da queniana Ruth Chepngetich, em 01h06m20s, e da sueca, nascida na Etiópia, Abeba Aregawi, em 01h06m36s.

O Campeonato Nacional da Meia Maratona disputou-se nesta prova internacional, com triunfos de Samuel Barata e Susana Santos. O atleta do Benfica foi 9º da geral masculina, em 01h01m10s, com Luís Oliveira e Rafael Lopes a subirem aos restantes lugares do pódio.

A corredora do Recreio Desportivo de Águeda venceu o campeonato nacional feminino, ao terminar na 12ª posição da classificação geral, em 01h12m39s, tendo Mónica Silva e Carla Martinho concluído no segundo e terceiro lugares, a nível nacional.

A 34ª edição da Meia Maratona de Lisboa contou com atletas de 120 países e mais de 40 mil inscritos nos diversos eventos que compuseram o fim-de-semana, entre os quais, mais de 16 mil estrangeiros, segundo dados da organização.

A Meia Maratona de Lisboa teve a sua 1ª edição em 1991, tendo integrado, a partir de



Tsigie Gebreselama a bater o recorde da prova, em 2025 | Foto: Revista Atletismo

2008, o circuito da Federação Internacional de Atletismo, IAAF Gold Label Road Race, nos dias de hoje, designado por World Athletics Label Road Races, na categoria de Elite (desde 2023), tendo à sua frente duas categorias, de Platina e Ouro. A Meia Maratona de Lisboa integra ainda, o circuito Super Halfs (também com as Meias Maratonas de Berlim, Cardiff, Copenhaga, Praga e Valência).

No seu historial, predominam as vitórias africanas, com 34 do Quênia (16 em masculinos e 18 em femininos) e 15 da Etiópia (5+10). Portugal conheceu dois triunfos, por Rosa Mota, em 1991, e António Pinto, em 1998. O recorde do mundo da distância foi superado em Lisboa, algumas vezes e, para esse feito, não foi alheia a mudança do local de partida, em 2008. Com efei-



Foto prorunners.pt

to, a prova costumava ter o seu arranque para todos os atletas, na Ponte 25 de Abril, mas com a vontade do recorde mundial ser batido em solo português, acenando um prémio de 50 mil euros, o Maratona Clube de Portugal (colectividade desportiva sediada em Caxias, fundada em 1989 por Carlos Móia, ainda seu actual presidente), alterou a zona de partida, apenas para os atletas de elite. Assim, Algés e diversos outros pontos da Marginal, no Dafundo e na Cruz Quebrada, deram as condições ideais para grandes feitos em termos de tempos finais, ao permitir um traçado plano, sem grandes desníveis, apesar do anterior traçado (partida da Ponte 25 de Abril) também ter proporcionado excelentes tempos. O recorde do mundo da Meia Maratona foi superado em Lisboa algumas vezes, assim como por outras provas, sobretudo na Europa. O português António Pinto, em 1998, fez 59m43s, tirando 13 segundos ao anterior melhor registo. Dois anos depois, o queniano Paul Tergat estabeleceu a melhor marca mundial em 59m06s. Em 2010, Zersenay Tadese, da Eritreia, correu esta distância em 58m23, para no seguinte ano estar bem próximo, ficando a 7 segundos do seu anterior registo. Jacob Kiplimo, do Uganda, conseguiu 57m31s, em 2021, ele que é ainda o recordista mundial, mas já com 56m42s, feitos em Barcelona, em Fevereiro de 2025.



Zersenay Tadese a bater o recorde do mundo, em 2010 | Foto: Paulo Cordeiro

O recorde mundial na prova feminina apenas uma vez foi batido em Lisboa, por Susan Chepkemei, do Quênia, em 2001, com o tempo de 01h05m44s, então tirando um minuto exacto ao anterior melhor tempo de sempre. Agora, o recorde mundial vai já em 01h02m52s, feitos pela etíope Letesenbet Gidey, em Valência, no ano de 2021. A prova deste ano teve arranque na Cruz Quebrada, em frente à entrada para o complexo desportivo do Jamor, apenas para os atletas de elite, com o resto do pelotão a largar no tabuleiro da Ponte 25 de Abril. Os participantes juntaram-se ao quilómetro sete, correndo o resto do percurso quase até Santos, para fazerem regresso à zona do Dafundo, sempre na Estrada Marginal, com viragem aí, rumo a Belém, onde o seu final tem sido um exclusivo, desde 1991, para todos os atletas, em frente ao Mosteiro dos Jerónimos.

*Luís Amorim
(escreve de acordo com a antiga ortografia)*



LAVANDARIA

OS ARCOS

RUA PATRÃO JOAQUIM LOPES, 15
PAÇO D'ARCOS

LIMPEZA A SECO - LAVANDARIA - PELES
CARPETES - CORTINADOS, ETC, ETC.

TELEF. 214 436 731
2780 OEIRAS

Tempos de Oeiras

Depois da nossa visita, no anterior número, à parte do Jardim Municipal de Oeiras, onde esteve situada a Quinta da Arriaga, continuação de percurso turístico, em breves instantes pela rua Desembargador Faria, atravessando a outrora designada Ponte do Couto, sobre a ribeira da Laje. Pequena antiga casa branca, com sua inscrição de propriedade, “Direcção de Estradas do Districto de Lisboa”, assim mesmo inscrito na sua parede, apreciando connosco o Palácio do Marquês de Pombal, apresentando-se este pelo lado esquerdo, perante nossa seguinte entrada na zona da antiga Quinta do Proença, adquirida pela Câmara Municipal de Oeiras, em 1940, para ser convertida em parque, o mais ajardinado do complexo, pois que do

outro lado, uma área de bosque, protegia então, a Quinta da Arriaga.

Hoje escrevendo, recordamos deste lado, sua proprietária, D. Maria do Carmo de Azambuja Proença Coelho, dona da parte rústica e urbana, tudo compondo a Quinta do Proença, a qual esteve na origem do grandioso parque e até, no alargar da rua José Diogo da Silva, situada mais acima do lado esquerdo, enquanto caminhamos. Apesar do executivo municipal ter resolvido atribuir ao parque uma longa identidade, “Tenente Manuel Gomes Duarte Pereira Coentro”, nome do Presidente da edilidade, em funções nessa época, era bem mais conhecido pelo “Jardim Novo”. Mas em relação à propriedade antiga, do Proença designada, alguns dos seus elementos simbólicos chegaram aos dias que hoje observam, fotografando e anotando como, por distante época, existiam bancos com singulares mensagens. Descendo escadas que, em tempos idos, serviram para fotografias de casamentos, vemos a casa de apoio ao jardim, cor-de-rosa, mas também, um recanto do nosso lado esquerdo, al-



Caminho principal do Jardim (década de 80 do séc. XX) Ref. [PT/MOER/MO/CRI/MPM/0700012]



CONTABILIDADE E CONSULTORIA

Proximidade, confidencialidade e rigor



214 420 036



afernandeslopes@sapo.pt



R Alfredo Lopes Vilaverde 7
2760-000 - Paço de Arcos



www.fla-associados.pt



Vista para a entrada do Jardim

guns metros mais adiante, onde sossegado banco nos indica “Um dia bem começado deve ser bem acabado.” Iremos fazer por isso, prometendo, sem haver demoras, ao pequeno tanque com água, situado ao lado desse banco, quase sorrindo para um outro com inscrições, mas apenas quanto à fábrica de azulejos que ajudou a revestir vários dos numerosos bancos deste espaço muito bem ajardinado. Aqui, a vista contemplada para o início de jardim é magnífica, razão



Caminho romântico

para retroceder quase ao ponto de partida, apenas uma melhor apreciação e, de seguida, escolher a via mais próxima da alta parede. A partir daqui, entraremos

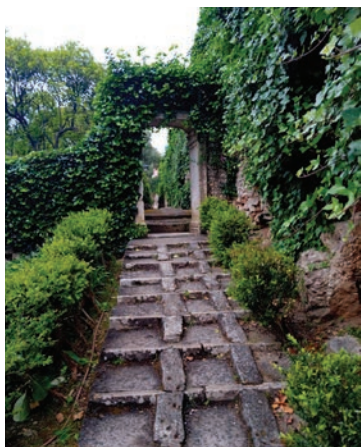
numa zona mais especial, como o belo corredor, dir-se-á romântico, após uma subida de nove degraus que já, bem faz, antecipar. Tanques alguns não terão água, mas área de jardim com maior romantismo, faz esquecer esse anterior pormenor. Vemos que existe um distinto “Banco dos Namorados”, adornado com azulejos, como sucede com os restantes que já vimos e continuaremos a referir, inclusive citando tão incomum proximidade do “Banco das Sogras”, em posição de eficaz controlo, assim deveria suceder em tempos antigos, essa necessidade imperiosa de nada deixar escapar sobre os pares românticos no assento oficial de namorados. Entre os dois, um outro banco cita “A alegria da alma, faz os belos dias da vida.” Podia ser uma expressão que casaria muito bem com sogras e namorados, cada qual no seu papel, em recanto ajardinado e até com vistas curiosas por entre a vegetação, como sucede no “Banco dos Na-



Jardim dos Bancos

Farmácia NOVA-CAXIAS

Rua Bernardim Ribeiro, 1-A – 2760-016 CAXIAS – PORTUGAL
Telem. 961523685 email: farmnova-caxias@hotmail.com



Escadas Românticas



Banco dos Namorados



Fonte Santificada

morados”. Também vemos azulejos com feito convite “Pára, senta-te e descansa”, o qual aceitamos de bom grado, perto de letras mais recentes em “Amor com Amor se paga”, por óbvio acenar, desde que a reciprocidade seja a ideal, bem real, a tal bela sintonia dos amores, talvez rara de se ver hoje em dia, ainda que por natural e desejável, deva existir.

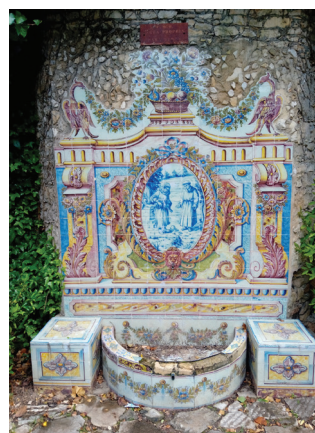
Após alguns minutos, seguimos viagem, pois que o resto de percurso muito promete, apesar de lago sem água, pelo meio

deste quase jardim privado, dentro de grandioso parque, com final descida, em escadas românticas, a levar-nos a mais um tanque e desactivada fonte, com imagem em azulejos, talvez santificada. Mas vamos caminhando em modo turístico, devagar para que nada de relevantes pormenores sejam deixados como meros incógnitos, continuando essa fonte a bem resistir desde tempos antigos. Outra curiosidade dessa altura era a existência de tanques para rega e um jardim das laranjeiras por esta Quinta do Proença, lagos também, sendo vários nos dias ao hoje considerado, embora alguns sem água.

Mas eis que, finalmente, um lago preenchido, festiva água para o retrato, com imponente árvore a também querer ficar bem pela imagem, tal como fonte de azulejos vistosos, ali mesmo



Lago



Fonte de azulejos



Pórtico

ao lado.
O extenso jardim é acompanhado pela ribeira da Laje e tem duas pontes que ligam as áreas das antigas Quintas. A primeira é já aqui, perto do Espaço de Jogo e Recreio, um café

com esplanada e mais uma casa fechada, de trabalho interno, ambas cor-de-rosa. Muitas plantas vão-nos surgindo, de cativantes belezas, quando gigantescas árvores revelam uma espécie de pórtico, talvez com o entrar para outra dimensão. Tempo de recordar vista aérea, com cerca de oitenta anos, o pórtico já lá estava, com notórias diferenças ao seguinte nosso caminhar.

Uma pequena praça com bancos, embora sem os azulejos que foram nossa companhia nos momentos anteriores, gaiolas com patos, gansos, cágados, uma galinha e seu galo, ambos em pretensões de interagir connosco, tudo em proximidade à ponte segunda, para o lado de outra antiga Quinta, a da Arriaga. Mas por aqui,



Vista antiga - “Jardim Novo” (meados da década de 40 do século XX) de António Passaporte Ref. [PT/MOER/MO/NF/002/00/0109]



Portão Sul

temos extenso relvado com pequeno lago, também desactivado, mas onde era habitual serem procurados os tais registos de casamentos, para a feliz posteridade. Uma zona bonita e muito acolhedora de sombra está logo a fazer-se notar e bem apreciar, quando damos pronta caminhada rumo à conclusão do nosso percurso, avistando a ponte do caminho de ferro. Esta integra linha de nome sonante, mas que no seu início teve a designação de “ramal de Cascais”, sinal da pouca fé quanto ao futuro, dos que tinham a capacidade de decisão. A linha começava então em Pedrouços e foi inaugurada em 1889. No ano seguinte, foi mudado para Alcântara o seu início, indo finalmente até ao Cais do Sodré, em 1897. É tempo de dar saída da antiga Quinta do Proença, um espaço ajardinado com belas plantas e curiosos recantos de adorno romântico, agora com novo retrato a bem mostrar o seu acesso pelo lado sul.

*Luís Amorim
(escreve de acordo com a antiga ortografia)*

Fotos do Autor excepto onde indicado, sendo essas imagens cedidas pelo Serviço do Arquivo Municipal de Oeiras

Liberdade

Caminhava por entre as árvores, junto ao rio. Respirava fundo e deixava que a Natureza entrasse em mim e me arrancasse dos meus piores pesadelos. Abracei-me a um pinheiro, sentindo o pulsar do meu coração. Afinal, estava viva! Não mo tinham arrancado, tal como eu pensara...

Caminuei um pouco mais... olhei para cima e vi o sol a espreitar por entre as copas das árvores. Todo aquele verde me envolvia, como num abraço que criava raízes à Vida. Quando eu apenas queria criar asas e voar. Voar para bem longe. Voar para fora de mim, para outra galáxia, outra dimensão. Apenas deixar de ser... de sentir...

Observando para o rio que seguia o seu percurso, pensei que a Vida era como a água: não a podemos controlar, apenas nos podemos deixar levar... sem saber para onde nos conduz. Será o tal Destino de que tantos falam? Será que não conseguimos ter as rédeas da nossa própria existência? Será a Vida apenas um emaranhado de acontecimentos caóticos aos quais tentamos dar sentido? Afinal, quem sou?

Fui despertada dos meus pensamentos por algo que me chamou atenção.

Aproximei-me do rio e foi então que me apercebi de um monte de papéis preso numa margem. Resmunguei por dentro que as pessoas não sabiam cuidar da Natureza, a nossa casa-mãe! Aproximei-me contrariada, mas não iria deixar aquele lixo ali...

Quando olhei com mais atenção, percebi que se tratava de um molho de cartas, atado com uma fita de seda, deliberadamente preso a uma das raízes das árvores que moravam na beira do rio.

A curiosidade falou mais alto. Retirei o molho de cartas e comecei a examiná-las, uma por uma. Percebi que eram cartas de uma madrinha de guerra para um soldado da guerra colonial.

As primeiras eram de um tom mais formal, com troca de informações do que sucedia na metrópole e questões sobre a zona de combate: a Guiné. Mas, a certo ponto, as palavras trocadas tinham pinceladas mais românticas, até que há uma em que o Amor é assumido. E a partir daí, os sentimentos tornaram-se mais intensos. Acredito que do lado dele as pa-



**FUNERÁRIA CENTRAL
DE PAÇO DE ARCOS**



R. José Pedro Silva, n.º 2-B, 2770-107 Paço de Arcos - Tel.: 214 418 291

Aristides Peixoto
Telem.: 919 711 023



E-mail: gestifunebre.pacodearcos@gmail.com

lavras seriam correspondidas.

Mas algo se passou, pois há uma carta em que ela anuncia que tem de se casar com o noivo a quem estava prometida há anos. Ele também regressara da guerra, “alterado”, e ela não o podia abandonar naquela situação. Na minha imaginação, dei forma ao “alterado”, que ia desde uma pequena deformidade até alguém completamente estropiado. Mas também poderia ser um “alterado” na mente e na alma. Quantos testemunhos conhecia de soldados que regressaram com traumas e que ficaram com perturbações psíquicas.

Tive pena daquela mulher, pois renunciou a um grande amor para ficar com alguém por obrigação.

Mas a sua escolha não foi a correta. Pelo teor de cartas, ela estava aprisionada a um casamento que a fazia infeliz. Ele deveria insistir com ela para que abandonasse o marido e fosse ter com ele, porque ela, Amélia, argumentava: “eu não o posso deixar. O que dirão as pessoas? A minha irmã deixou um marido alcoólico, que lhe dava grandes tareias, toda a gente sabia, mas ainda hoje é apontada por todos. Toda a gente me dizia: aceita casar com o Toino que é um bom homem. Que outro vai casar contigo, que és irmã da p...?”

Amélia escreveu cartas e cartas apresentando os seus argumentos. Seria para o convencer a ele ou a ela própria?

Procurei a última carta. Precisava de saber como terminara aquela história. Datava de há poucos anos. Amélia continuava a adiar a sua felicidade: “Eu não posso aparecer já com outro. O que vão dizer de mim? Ainda agora fiquei viúva?” Fiquei com muitas questões sem respos-



“50 Anos do 25 Abril” de Paulo Sanches

facebook.com/paulosanches.art

instagram.com/artofpaulo

ta: Será que Amélia teve coragem de viver o seu grande amor? O que é que aquelas cartas estavam a fazer ali? Quem as teria colocado ali? Quis desfazer-se delas? Ou não teve coragem para se desfazer, mas já não as podia manter consigo?

Contudo, algo eu percebi: a maior prisão é aquela que nos impomos a nós próprios. E quando nos deixamos aprisionar pelas opiniões alheias, jamais poderemos agarrar a nossa vida e a nossa felicidade com ambas as mãos! Afinal, também controlamos o nosso Destino, com as escolhas que fazemos em cada dia... Porque essa é a nossa verdadeira Liberdade!

Olga Resi

BANDA DESENHADA

Cartoons

Créditos dos cartoons:

Cristina Sampaio
publico.pt/desalinho



Assassino



Crise na habitação



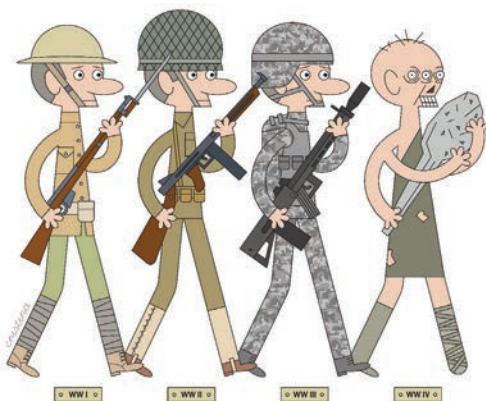
O grande ditador

[instagram.com/cristinasampaio_csc](https://www.instagram.com/cristinasampaio_csc)

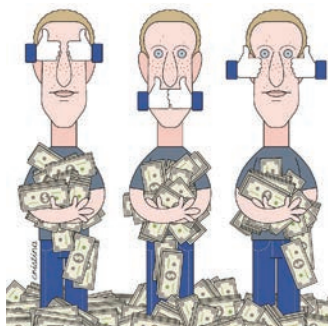
Spam Cartoon - [youtube.com/playlist?list=PL-NxJqBeUVqX6corFMR5-aIK-F2RdnxTWd](https://www.youtube.com/playlist?list=PL-NxJqBeUVqX6corFMR5-aIK-F2RdnxTWd)



Carreira de tiro



Guerra



Zuckerberg

Reviver o Passado em Santo Amaro de Oeiras

Desta feita, no “Chá da Barra”, um convívio de jovens agora octogenários, 31, o que já não foi nada mau. Uma reunião de chorar por mais, com o sabor de quando é o próximo. Histórias que brotam como o desfolhar de um livro de contos, e com o prato principal de um variado menu, a ser o nosso memorável “Carapau Pró Lodo”. Este último, a breve história por muitos desconhecida, mas que certamente vos contagiará a todos vós, leitores, nas malandrices do seu propósito. Fica para a próxima oportunidade. E depois, deste último tão bem organizado convívio, desta feita pelo Vasqui-



nho, já se avizinha o próximo para data a marcar em Setembro. Jovens duma velha Santo Amaro de Oeiras, a reviverem o passado como se a idade não importasse! E sempre, com os ausentes forçados por motivos naturais ou por imponderabilidades do momento, a serem bem lembrados.

Luís Nascimento

Tertúlias

Em Maio:

Livraria Verney: 19 de Maio, 2.^a feira, 14h30: «Atenção aos outros e a Livraria-Galeria Municipal Verney no seu 30.^o aniversário», com o presidente dr. Isaltino Morais, dra. Maria José Rijo e coordenador M. Barão da Cunha, a confirmar.
CAS. Oeiras: 28 de Maio, 4.^a feira, 14h30: «Atenção aos outros e o CAS. Oeiras»,

pelo 50.^o aniversário do IASFA e com diretor coronel Manuel Rosa.

Em Junho:

Clube Alto da Barra: 5 ou 12 de Junho, 5.^a feira, 14h30: «Atenção aos outros e a Livraria do Alto da Barra», a confirmar...

M.B.C.



Mercedes-Benz

Auto Caxiense

R.A. Mercedes

**MECÂNICA
PINTURA EM ESTUFA
ELECTRICISTA
BATE-CHAPA**

**BANCO DE ENSAIO
COMPUTADOR DE TESTES
(diagnóstico de avarias)**



Rua João Alves de Carvalho, 6 e 8
2760-126 CAXIAS

autocaxiense@sapo.pt

Tel. 21 443 51 42
21 446 13 36

As redações do Rogérito

No seu espaço, na internet*, Rogério Pereira escreve redações colocando, na perspectiva de uma criança, temas adultos e de atualidade sentida. Tal escruta resulta de influências do escritor Luís de Sttau Monteiro, com as suas “Redações da Guidinha”

O tema da redação de hoje foi por ele escolhido.



A stôra deu-nos um tema à escolha e eu, que gosto de estar na moda, escolhi as eleições pois a televisão não se cala, e é só disso que fala, até para me interrogar a mim próprio porque é que já houve tanta gente a ir pôr aquele papelinho com cruzinha lá na caixinha e agora, passado tanto tempo, muita dessa gente fica em casa ou a preencher a raspadinha lá no café da esquina a comentar em tertúlia viva que as eleições deixaram de poder influenciar a vida de quem trabalha a começar pela vida da stôra, que tem andado sisuda e desencantada da vida, pois o seu salário embora tenha engordado não acompanha a alta da renda que ela paga nem a subida do preço da gasolina, nem o preço dos ovos estrelados que cada vez estão mais caros.

Mas não é só a stôra que suspira desencantada da vida também o meu vizinho do lado, que na vida já foi operário e agora está velho e reformado, até grita por maldita vida pois a reformazita nem dá para mandar cantar um cego, ele que andou na Sorefame a construir carruagens e agora se quer ir de Paço de Arcos a Lisboa vai ter de ir de pé pois não há lugares sentados e os comboios estão cada vez mais raros.

Quando for crescido vou ser formiga avisada e não irei votar no insecticida pois é mesmo preciso mudar esta vida!

Rogérito

* <https://conversavinagrada.blogspot.com>

Oeiras por quem a vê

Fotografias de Benvinda Neves

“Sua Maldade”

- Chafariz Velho de Paço de Arcos

bcpvneves.blogspot.com

facebook.com/benvinda.neves



Arte Urbana de Nark

facebook.com/Nark.CPK

instagram.com/nark.cpk.graffiti



OEIRAS VALLEY SCIENCE FESTIVAL

21 a 25 maio 2025

Taguspark

oeirasvalleysciencefestival.com

Entrada Livre

ORGANIZADOR

CO-ORGANIZADOR

PROMOTOR



MUNICÍPIO OEIRAS



TAGUSPARK
CIDADE DO CONHECIMENTO



THE SCIENCE
PROJECT
THE BOOK COMPANY